



# hallceart

#05

Ceart Aberto à Comunidade: Universidade e Sociedade  
Coletivo NEGA: Representatividade no Teatro  
O Design e a Indústria 4.0  
Arte nas Prisões









Geodésica Cultural durante o Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler  
Foto: Soninha Vill

## Um brinde à arte e à cultura

Celebramos a quinta edição da revista Hallceart com uma série de reportagens e artigos sobre importantes projetos e ações realizados pelo Centro de Artes (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc)! O ano de 2018 começou intenso com o *Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler - FIK 2018* e desdobrou-se com o projeto *Ceart Aberto à Comunidade*, abrindo o campus da universidade um sábado por mês com diversas atividades artísticas e culturais para adultos e crianças. Confira mais sobre os projetos ao longo da publicação.

Na área de Artes Visuais trazemos uma entrevista exclusiva com as artistas Vanesa Galdeano e Anali Chanquia, criadoras do projeto *Medianeras Murales*, que estiveram na Udesc em fevereiro deste ano. Convidamos você a ler também o artigo de Cristina Rosa sobre o projeto *Família no Museu*, que promove acessibilidade e inclusão por meio da arte. No campo do Design, trazemos um artigo sobre o Design e a Indústria 4.0, de Gabriela Mager. Outra importante pauta é a parceria do curso com o Centro Catarinense de Reabilitação, por meio de projetos de ensino, pesquisa e extensão.

Apresentamos também nesta edição a Modateca e a Teciteca, espaços do Departamento de Moda abertos à pesquisa e consulta da comunidade. Lui Iarocheski, formado em Moda pela Udesc, vem despontando no panorama nacional e internacional e nos brinda com uma entrevista exclusiva nas próximas páginas. Já no campo da Música, Valeria Bittar fala sobre a percepção física através da escuta do corpo pela técnica Klauss Vianna; ela e Cristina Emboaba refletem também sobre as práticas musicais coletivas, realizadas no curso de Licenciatura em Música. Além disso, conferimos de perto o trabalho realizado pelo projeto *Prelúdio*, o primeiro pré-vestibular de Música gratuito da região, organizado pelo Movimento Estudantil de Música (Memu) da Udesc.



Em 2019 a Udesc sediará o 3º Encontro Internacional sobre Formação em Teatro de Animação e Paulo Balardim nos conta sobre os desafios da formação nesta área. Trazemos também uma reportagem sobre o Coletivo Nega, grupo de Teatro que tem se consolidado a cada ano.

E ainda tem mais! Conheça os projetos de extensão da Udesc Ceart que estão modificando a vida de pessoas em situação prisional em Florianópolis e saiba mais sobre a Inventário – Empresa Júnior de Design e Moda que completou 10 anos em 2018! Comemorando ainda esta edição, uma matéria sobre os novos cursos de doutorado do Centro de Artes, nas áreas de Design e Música. Celebre conosco e boa leitura! ■

## Fotos de entrada e saída

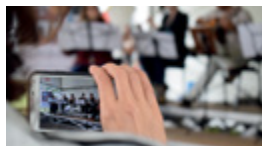


Foto: Rafael Moreira



Foto: Heitor Lehmkuhl

## Foto de capa



Foto: Heitor Lehmkuhl  
Arte: Fernanda Gonçalves  
e Heitor Lehmkuhl

## quem faz o quê?

### Revista hallceart #05

Dezembro de 2018  
Distribuição gratuita

### Universidade do Estado de Santa Catarina

Reitor: Marcus Tomasi  
Vice-Reitor: Leandro Zvirtes

### Centro de Artes da Udesc

Diretora Geral:  
Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva  
Editora: Lais Moser | MTB: 3799/SC

### Conselho Editorial

#### Presidente

- Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

#### Editora

- Lais Campos Moser

#### Diretora de Arte

- Gabriela Botelho Mager

#### Diretor de Fotografia

- Cláudio Brandão

### Departamento de Artes Cênicas

- Vicente Concilio

### Departamento de Artes Visuais

- Célia Maria Antonacci Ramos

### Departamento de Design

- Flávio Anthero Nunes Viana dos Santos

### Departamento de Moda

- Monique Vandresen

### Departamento de Música

- Valéria Maria Fuser Bittar

### Representantes Discentes

- Heitor Lehmkuhl dos Santos
- Vinicius Luge de Oliveira

### Projeto Gráfico

- Camila Meyer
- Mariele Fantini

### Editoração e Design Gráfico

- Amanda Almeida Müller
- Fernanda Martins Gonçalves
- Heitor Lehmkuhl dos Santos

### Colaboradores desta edição

#### Artigos e Textos

- Cristina Emboaba
- Jade Kalfeltz
- Gabriela Botelho Mager
- Lais Campos Moser
- Linda Inês Pereira Lima
- Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva
- Monique Vandresen
- Paulo Balardim
- Rafael Prudencio Moreira
- Valeria Fuser Bittar

#### Fotografias

- Adriana Fächter
- Carmina Reñones
- Cláudio Etges
- Cristiano Prim
- Eduardo Beltrame
- Gisele Knutez
- Hingrid Medeiros Clasen
- Humberto Furtado
- Jerusa Mary
- Lais Campos Moser
- Linda Inês Pereira Lima
- Luana Costa
- Lucas Furtado

- Mariana Smânia
- Medianeras Murales
- Paulo Balardim
- Pedro Bonacina
- Rafael Moreira
- Rodolfo Magalhães
- Soninha Vill
- Wagner Locks

### Impressão

Polimpressos  
Serviços Gráficos  
Tiragem: 2 mil exemplares  
88 páginas

### Contato

Núcleo de Comunicação  
do Centro de Artes da Udesc  
Av. Madre Benvenuta, 1907,  
Itacorubi, Florianópolis/SC  
CEP: 88.035-901  
+55 (48) 3664-8350  
comunicacao.ceart@udesc.br

\* Os textos assinados são de  
responsabilidade de seus autores

no  
hall**Em Foco**  
**FIK 2018**

Valorizando a produção cultural e a formação de redes artísticas, evento terá nova edição em 2020

8

**Em foco**  
**Geart Aberto**  
**à Comunidade**

Projeto integra universidade e sociedade com atividades gratuitas uma vez por mês, aos sábados

12

**Em foco**  
**Arte nas prisões**

Conheça os projetos de extensão da Udesc que modificam a vida de pessoas em situação prisional

76

**Em foco**  
**10 anos da Inventário**

Estudantes de Empresa Júnior oferecem à comunidade consultoria de projetos nas áreas de Moda e Design

80

**Em foco**  
**Novos doutorados**

Cursos de doutorado em Design e Música iniciam em 2019 na Udesc

84

artes  
visu  
ais

16

**Ping Pong**  
**Arte Urbana**

Entrevista com Vanesa Galdeano e Anali Chanquia, artistas do projeto Medianeras Murales

**Em foco**  
**Família no Museu**

Por Cristina Rosa

20

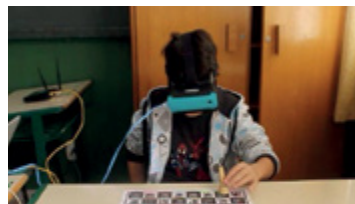
**Portfolio**

Seleção de trabalhos expostos no Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler (FIK 2018)

24

desi  
gn

28

**Em foco**  
**O Design e a Indústria 4.0**

Por Gabriela Mager

**Em foco**  
**Design e reabilitação**

Parceria do curso de Design com o Centro Catarinense de Reabilitação realiza projetos de Design Gráfico e Industrial

32

**Portfolio**

Seleção de trabalhos realizados por acadêmicos do curso de Design da Udesc

36

mo  
da

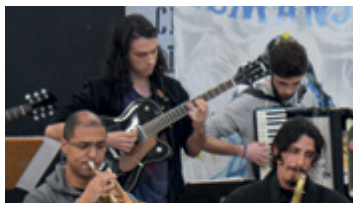
40

**Em foco****Modateca e Teciteca**

Projetos marcam a história da Universidade e também do Estado de Santa Catarina

mú  
si  
ca

52

**Em foco****Práticas musicais coletivas e técnica Klauss Vianna**

Por Cristina Emboaba e Valeria Bittar

tea  
tro

64

**Em foco****Desafios da formação em Teatro de Animação contemporâneo**

Por Paulo Balardim

**Ping Pong  
Lui Iarocheski**

Egresso formado pela Udesc destaca-se pela moda autoral e com propósito

44

**Em foco  
Prelúdio**

A história do primeiro pré-vestibular de Música gratuito da região de Florianópolis

56

**Em foco  
Coletivo Nega**

Na Udesc, grupo de Teatro ultrapassa os muros da universidade através da arte

68

48

**Portfolio**

Seleção de trabalhos apresentados por acadêmicos de Moda no OCTA Fashion 2018

60

**Portfolio**

Seleção de apresentações realizadas por alunos e professores do curso de Música da Udesc

72

**Portfolio**

Seleção de espetáculos apresentados por alunos do curso de Teatro da Udesc





Show de abertura com  
A Banda Mais Bonita  
da Cidade  
Foto: Eduardo Beltrame

## FIK 2018

Valorizando a produção cultural e a formação de redes artísticas, Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler tem nova edição confirmada para 2020

Por Jade Kalfeltz, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

O Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler - FIK 2018 movimentou o Centro de Artes (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) durante o mês de fevereiro: foram quatro dias de apresentações culturais, oficinas, exposições, palestras, exhibições e shows gratuitos, além de feiras com produtos de alunos, artistas e artesãos locais. Contou com a presença de convidados nacionais e internacionais e teve programação para todos os públicos, inclusive o infantil.

O homenageado, pesquisador-artista José Luiz Kinceler, atuou como professor no departamento de Artes Visuais da Udesc, destacando-se por práticas contemporâneas de produção de arte coletiva. Falecido em 2015, Kinceler é lembrado por suas ideias no campo da educação, tendo realizado ações voltadas para a formação de estudantes engajados em projetos artísticos desenvolvidos em comunidades.

Durante a cerimônia de abertura, na presença do reitor da Udesc Marcus Tomasi, a professora Isabela Sielski, docente no Instituto Federal de Santa Catarina e viúva do professor homenageado, agradeceu “pela coragem de trazer um evento dessa grandeza para Florianópolis”, homenageando Zé Kinceler. Sua contribuição para o Centro de Artes se deu, segundo a professora e diretora-geral da Udesc Ceart, Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, “ao contestar o tradicional, pensando a arte numa perspectiva relacional”.

Um de seus legados foi a Geodésica Cultural Itinerante, coletivo de arte colaborativa que utiliza da estrutura da geodésica para promover atividades transdisciplinares. Desde sua criação realiza ações importantes, como a “Revolução dos Baldinhos” entre 2011 e 2013, na comunidade Chico Mendes, além de ter contribuído com a ação “Parque Ponta do Coral”, que lutava pela criação de um parque num espaço público de Florianópolis.

Devido à importância da Geodésica, sua programação no FIK 2018 foi extensa: além do espaço da Geodésica da Udesc Ceart – que contou com atividades culturais e artísticas, como piquenique colaborativo, exibição de filmes e exposições permanentes –, foi montada a Geodésica Itinerante, com atividades para a troca de conhecimentos e produção artística, além de rodas de conversa, buscando a produção de sentido a partir da experiência.

Vanesa Galdeano e Anali Chaquia, artistas argentinas que compõem o Medianeras Murales, contam que ao visitarem o espaço da geodésica experimentaram várias sensações: “por um lado, o alto grau de sensibilidade que esse professor inspirou em tudo o que criou e, por outro, a capacidade que tiveram no FIK para construir um tributo tão fiel à sua pessoa, tão



Geodésica. Fotos: Soninha Vill

respeitoso e profundo”. As artistas, em seu projeto conjunto, trabalham com arte pública e realizam intervenções em espaços urbanos. Conhecidas mundialmente, no Festival ministraram uma oficina de arte pública, onde produziram em conjunto com os alunos um mural na parede lateral - *medianera*, em



Oficina “Artesanato em Fibras – Cipó Imbé”. Foto: Soninha Vill



Apresentação “Quedelhe o Boi”. Foto: Eduardo Beltrame

espanhol - do prédio do Centro de Artes, registrando a passagem do FIK pela Universidade.

Além da oficina de obra coletiva, diversos outros encontros fizeram parte da programação, que foi pensada para abranger as áreas de artes cênicas, artes visuais, audiovisual, cultura popular, dança, design, infantojuvenil, moda e música. Com convidados artistas e professores, a comunidade e estudantes em geral puderam receber aulas de aquarela, artesanato em cipó, cerâmica, teatro, escrita, improvisação e fotografia.

Marcelo Lazzaratto, doutor em Interpretação Teatral e diretor de teatro, convidado para ministrar oficinas de linguagem cênica, comentou sobre o interesse pelas atividades oferecidas: “adorei os ambientes, as instalações, mas, mais do que as próprias atividades, que são muito bacanas, o que eu pude sentir foi a plena participação das pessoas. O entusiasmo de estarem fazendo as coisas”. Vanessa Galdeano elogiou igualmente o interesse do público: “é a primeira vez que acontece o festival e me pareceu maravilhoso, as atividades, a produção e também como os alunos estavam interessados nas aulas”.

Os espetáculos, ensaios abertos e shows também receberam grande audiência. A Banda Mais Bonita da Cidade, de Curitiba, realizou um show no primeiro dia de Festival, logo após as apresentações de Kako de Oliveira e Banda e do grupo Parafuso Silvestre, ambos com passagem pelo curso de Música da Udesc Ceart. Os estudantes da Udesc também estiveram presentes na programação com o show performático “Insones”, em concertos musicais e em diversas apresentações teatrais, como no “Auto da Compadecida”, realizada por alunos durante disciplina de Montagem Teatral do curso de Licenciatura em Teatro e nas apresentações “Bela”, “E a Avenca Partiu” e “Guerreiras Donzelas”.



Abordando a parte teórica da programação, aconteceu o Encontro da Rede de Educadores em Museus (REM), refletindo sobre educação formal e informal e sobre as relações entre extremismo político e arte; além do seminário “Walter Benjamin: Educação, Arte e Política”, e de espaços com discussões sobre gênero, ferramentas colaborativas, ativismo e arte. Alex Nascimento, que integra a Pequeninus Produções Artísticas, junto com Humberto Soares, frisou a importância de se criar um espaço multiartístico, que valoriza diversos estilos, e citou as palestras e oficinas

“A Udesc mais uma vez sai na frente, cumprindo seu papel social e priorizando a relação entre arte, cultura e comunidade. Desejamos vida longa ao FIK.”

Cristina Rosa, diretora-geral da Udesc Ceart

de cerâmica e cipó como exemplos dessa variedade. A dupla catarinense integrou a programação do Festival realizando uma oficina sobre teatro de bonecos e com a apresentação “Quedelhe o Boi?”, divertindo crianças e adultos.

Além da apresentação folclórica Quedelhe o Boi e da apresentação do boi de mamão, realizada pelo grupo Alivanta Meu Boi, outras atrações locais foram vistas. O Maracatu Baque Mulher, grupo com cerca de 20 mulheres, apresentou-se no Festival e trouxe em suas letras mensagens de empoderamento feminino. A banda feminina Cores de Aidê esteve presente no último dia de Festival, juntamente com o conhecido grupo União da Ilha da Magia Samba Show, que atua como escola de samba desde 2009 em Florianópolis.

Pensando em shows e atividades para públicos de todas as idades, uma programação diferenciada ocorreu no FIK Criança, voltado para meninos e meninas de 4 a 12 anos. Nas tardes do Festival, as crianças participaram de oficinas, assistiram a espetáculos, como o “No Dorso do Rinoceronte: Música Independente para Crianças Inteligentes”, realizado por Silvio Mansani, Emílio Pagotto e convidados e visitaram as exposições no campus.

Os expositores inscritos para participar do Festival trouxeram uma série de temas discutidos por meio de lambes, instalações, objetos, pinturas, fotografias e intervenções, que puderam ser vistos em diversos espaços da Universidade. Junto com as exposições, que também ocorreram fora do campus, feiras com produtos gráficos e publicações, roupas e feira das rendadeiras de Florianópolis, com peças com bilro e artesanato local, estavam presentes no evento. Ainda, ao longo da programação, ocorreram lançamentos de livros, mostra de obras da Biblioteca Itinerante Floripa na Foto e a mostra editorial argentina La luminosa.

Ao todo, nos quatro dias de programação, o evento reuniu mais de 90 atividades. Com seu sucesso, deve ser realizado a cada dois anos, sendo a próxima edição em 2020. Segundo a professora Cristina Rosa, “o investimento na área artística e cultural precisa ganhar prioridade. Mais recursos, mais editais e mais apoio. A Udesc mais uma vez sai na frente, cumprindo seu papel social e priorizando a relação entre arte, cultura e comunidade. Desejamos vida longa ao Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler”. ■

## Saiba mais

 [udesc.br/ceart/fik](http://udesc.br/ceart/fik)

 [fb.com/festivalFIK](https://fb.com/festivalFIK)

 [@fik.udesc](https://www.instagram.com/fik.udesc)



Foto: Wagner Locks

## Ceart Aberto à Comunidade

Projeto integra universidade e sociedade com atividades gratuitas uma vez por mês, aos sábados

Por Lais Campos Moser, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Colaboração de Wagner Locks

Desde abril de 2018, a agenda cultural de Florianópolis fica mais recheada no último sábado de cada mês. O projeto *Ceart Aberto à Comunidade* vem oferecendo à cidade, ao longo do ano, atividades artísticas e culturais, por meio de oficinas, feiras, apresentações, exposições e demais atividades gratuitas para adultos e crianças. O evento se consolida a cada edição, com ações propostas tanto por alunos e servidores do Centro de Artes (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), quanto por interessados da comunidade externa.

“O Ceart Aberto nasce de uma proposição da própria comunidade do Ceart de ter um espaço aos finais de semana para fruir arte, para produzir seus trabalhos, para ter um espaço além daquele acadêmico de sala de aula. O evento é hoje um espaço que atende aos nossos estudantes, professores e técnicos, mas também à comunidade do entorno”, afirma a professora Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, diretora-geral da Udesc Ceart.

Oficina de estêncil foi oferecida em uma das edições do evento. Foto: Laís Moser



Com seis edições realizadas ao longo de 2018, duas delas reuniram atividades em torno de uma única temática - uma em comemoração aos 110 anos da imigração japonesa no Brasil (em agosto) e outra em alusão ao Dia Nacional da Consciência Negra (em novembro).

As atividades oferecidas são as mais variadas, atraindo um público diversificado. Entre as oficinas já realizadas, estão oficinas de carimbos, iluminação cênica, samba de gafieira, estêncil, origami, desenho, danças urbanas, artesanato em cipó, autodefesa para mulheres, entre outras. Feiras também ocorrem durante o evento, como a FLAU – Feira Livre de Arte Universitária, a VARAU – Venda de Acessórios, Roupas e Arte Universitária e a Feira de Produtos Orgânicos da Agricultura Familiar. Exposições, apresentações de música e de teatro e o Espaço Criança – que reúne jogos, contação de histórias e atividades artísticas para crianças a partir dos cinco anos – integram as ações do projeto.

“A edição que tinha a temática da imigração japonesa foi super movimentada, havia muitas coisas acontecendo. Aí você vê essa interação, dá mesmo essa coisa de movimento para o centro. Achei muito bom, porque tinha gente circulando em todo lugar, muita criança, muita família”, comenta Jéssica Agostinho, estudante da 6ª fase do curso de Licenciatura em Artes Visuais e uma das responsáveis pelas atividades do Espaço Criança.

### **Interação entre universidade e comunidade**

A interação entre universidade e comunidade é uma das principais propostas do evento. É o que comenta Daiane Dordete, diretora de Extensão, Cultura e Comunidade da Udesc Ceart e coordenadora do projeto: “A ação parte da demanda de acadêmicos por espaços livres para ensaios, estudos e apresentações nos fins de semana, e da proposta de ampliação das atividades extensionistas para a comunidade externa ao centro, visando potencializar a inserção da universidade na sociedade e da sociedade na universidade”.

Jonas Luiz, estudante de Ciências da Informação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), esteve pela primeira vez na Udesc durante a edição de 28 de abril. “Estou sempre procurando alguma coisa para ‘fugir’ um pouco do meu curso, ver coisas novas e achei bem interessante as palestras, principalmente. Gostei muito do evento e pretendo voltar, com certeza”, comentou após participar de atividades realizadas pela Empresa Júnior de Design e Moda Inventário durante o Ceart Aberto à Comunidade.

Quem também esteve pela primeira vez no Centro de Artes foi Caciane Aparecida Ribeiro, professora de recreação em uma escola de pedagogia Waldorf. Ela participou da edição do mês de setembro e ficou sabendo do evento através de um grupo de WathsApp, interessando-se em participar da oficina de artesanato



em cipó-imbé. “Acho bem interessante essa inclusão das pessoas da comunidade em um espaço tão rico”, afirmou na ocasião.

Já no Espaço Criança, Cristiane de Lima, professora de Educação Física da rede municipal de ensino, estava aprendendo com seu filho de nove anos a construir um dragão de papel. Ela veio à universidade com um grupo de amigos que reúne crianças de 15 em 15 dias, com o objetivo de realizar passeios pela cidade e participar de eventos culturais e momentos de contato com a natureza.



Caciane Ribeiro esteve pela primeira vez no Centro de Artes durante a edição de setembro de 2018. Foto: Laís Moser

“Tentamos achar coisas interessantes para fazer com as crianças, que não seja só shopping e ficar nos eletrônicos”, comenta. Cristiane também esteve na Udesc Ceart pela primeira vez durante a edição de setembro, em um grupo de oito crianças e seis adultos, que passou a tarde na universidade. “Está sendo bem rico, a gente já aprendeu várias coisas que serão bem úteis para fazer os brinquedos no nosso grupo”, complementa a professora, que soube do projeto por meio de uma amiga que costuma frequentar as atividades promovidas pelo Centro de Artes.

Parte das ações oferecidas no evento é conduzida pela própria comunidade acadêmica, oportunizando também espaço aos jovens artistas e profissionais. Foi o caso de Priscila Costa, formada no curso de Teatro da Udesc, que ministrou uma oficina no Laboratório de Iluminação Cênica do Centro de Artes durante a primeira edição do projeto. “Conduzir uma vivência sobre a iluminação cênica no trabalho do corpo atuante neste evento foi muito enriquecedor. A troca de experiências, percepções, sensações e dúvidas em relação ao processo só proporcionou um momento de sincera disponibilidade e generosidade dos participantes em estarem ali”, conta a egressa.

Atualmente, Priscila cursa mestrado na Universidade de Artois, na França, e comenta sobre seu retorno à Udesc Ceart para ministrar a oficina: “Voltar para o lugar onde tudo começou para mim, tem uma carga e uma responsabilidade muito grande. Em se tratando do laboratório de iluminação nós temos uma estrutura incrível. Considero-me carinhosamente uma filha desse laboratório e assim sendo é sempre maravilhoso retornar para casa e compartilhar o que vimos mundo afora, aprender cada vez mais, além de amadurecer nossas ideias”, complementa.






A partir de 2019 o evento será realizado no segundo sábado de cada mês. Foto: Laís Moser



### Comunidade também pode propor atividades

A comunidade externa, além de participar das atividades do evento, também pode inscrever propostas de ações a serem realizadas. Para a professora Daiane Dordete, coordenadora do evento, isso ocorre “numa perspectiva muito extensionista de troca de saberes, de compartilhamento de conhecimento”. Os interessados devem preencher o formulário de inscrição de propostas no site ([www.udesc.br/ceart/ceartaberto/inscricoes](http://www.udesc.br/ceart/ceartaberto/inscricoes)).

Salas de aula e demais espaços físicos do Centro também são disponibilizados para estudos e ensaios durante o evento. Para 2019 o *Ceart Aberto à Comunidade* promete ter continuidade a partir de março, porém com alteração do dia de realização para o segundo sábado de cada mês. É só chegar que as portas do Centro de Artes estarão sempre abertas. ■

### Saiba mais

 [udesc.br/ceart/ceartaberto](http://udesc.br/ceart/ceartaberto)  
 [fb.com/ceartabertoacomunidade](https://fb.com/ceartabertoacomunidade)  
 [@ceartaberto](https://@ceartaberto)

 [flickr.com/photos/udesc\\_ceart](https://flickr.com/photos/udesc_ceart)  
 [ceartaberto@gmail.com](mailto:ceartaberto@gmail.com)



Vanesa Galdeano e Anali Chanquia, fundadoras do Medianeras Murales. Foto: Medianeras/Divulgação

## Arte urbana em foco: Medianeras Murales

Por Jade Kalfeltz, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Vanesa Galdeano e Anali Chanquia, argentinas da cidade de Rosário, criaram o projeto Medianeras Murales há três anos e desde então cidades da Argentina, Brasil, Bolívia, México, Áustria, Alemanha, Espanha, Inglaterra, Portugal e Tailândia abrigam seus mosaicos e murais. Trabalhando com arte pública e colaborativa, utilizam tinta acrílica, spray ou mosaicos para a realização de intervenções urbanas.

Vanesa é artista e formada em arquitetura. Entre 2008 e 2010 dedicou-se à investigação e à prática de arte musiva (mosaicos) em Buenos Aires. Nesta época fundou a Musivaria, oficina de mosaico veneziano com a qual já realizou intervenções públicas com mais de 100 alunos e onde trabalha até hoje. Já realizou exposições individuais e coletivas, e em 2013 e 2014 expôs no Rio de Janeiro, a convite da associação de artistas Chave Mestra.

Anali formou-se em Belas Artes e aos 19 anos produziu seu primeiro mural urbano. Como trabalho final de sua graduação, criou o projeto “Artista busca parede”, onde colocava um stencil com a frase em cada mural que fazia, convidando os vizinhos a oferecerem suas paredes para continuar pintando novos murais. Pintou nos Estados Unidos, Rio de Janeiro e em Quito, no Equador, onde também ofereceu uma oficina sobre arte urbana. Além disso, contribuiu com intervenções e obras na Semana da Arte, evento realizado em Rosário (AR).



Juntas, as artistas são convidadas a expor suas obras em diversos festivais, como o Festival *Ñatinta*, na Bolívia, *Pinta Malasaña*, na Espanha e o *Meeting Of Styles*, na Alemanha. No Brasil, expuseram no Festival de Arte Urbana Concreto, no Ceará; e, em fevereiro de 2018, realizaram uma intervenção na parede do Centro de Artes durante o Festival Internacional José Luiz Kinceler, que ocorreu na Udesc.

A obra foi produzida coletivamente por meio da oficina de arte pública que ambas realizaram durante o evento, e ficou como um registro da passagem das artistas por Florianópolis. Em entrevista à Hallceart, Anali e Vanessa contam como tudo começou, falam sobre o processo de criação de seus murais e sobre a passagem pelo Centro de Artes da Udesc durante o Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler – FIK 2018.

## 1. Hallceart: Como surgiu o Medianeras Murales? O que motivou sua criação?

Medianeras surge do encontro entre duas partes. O termo ‘medianeras’ nos interessou por ser um tipo de construção de parede que une dois vizinhos. Ao contrário dos muros, que consideramos que separam, as paredes medianeras são compartilhadas.

## 2. O que motivou vocês a trabalharem com arte pública?

Sempre nos interessou trabalhar no espaço público, principalmente porque é uma arte que está aberta ao público. Interessa-nos mais a possibilidade de ter contato com as pessoas enquanto realizamos as obras e ter em conta o lugar e as pessoas.



Obra realizada em Salamanca, Espanha (2017). Foto: Medianeras/Divulgação



Obra realizada em Lisboa, Portugal (2017)  
Foto: Medianeras/Divulgação

### 3. Como é o processo de criação dos murais?

Nós levamos em conta o local onde a parede está situada, o formato da mesma e as particularidades do ambiente e características do lugar. Os esboços criamos juntas, propondo ideias e trocando arquivos, modificando-os. Sempre realizamos montagens prévias da obra para ter em conta os detalhes da parede.

### 4. Quais desafios vocês enfrentam ao realizar obras em espaços urbanos?

Há vários desafios e isso depende muitas vezes da localização da parede. Geralmente nós falamos com o vizinho do dono da parede para perguntar o que acha da ideia de intervirmos no espaço. Em algumas cidades a arte urbana é penalizada, por isso realizamos alguns preparos antes. Embora nem sempre façamos nossas obras de maneira “legal”, levamos em conta algumas questões.

### 5. Vocês tem alguma obra preferida? Que gostaram muito do resultado final ou do processo de produção? Como surgiu a ideia do mural realizado no Centro de Artes durante o FIK 2018? Como foi a produção?

Gostamos da obra que realizamos em Florianópolis na parede da Udesc para o FIK, tanto do processo quanto do resultado final. Nessa oportunidade havíamos pesquisado sobre Kinceler [José Luiz Kinceler, 1960-2015] e sua posição a respeito da arte, o que nos fez refletir. Pareceu-nos importante a maneira com que os estudantes falavam dele e como sua pessoa os havia marcado. O mural representa um estudante com essa carga cultural da educação, e pode ser apreciado nesse mundo, rodeado de iconografia. O processo de produção foi incrível porque os alunos estavam muito interessados em participar e criamos vínculos muito intensos com eles ao fazermos a obra juntos. A possibilidade de criar uma obra de grande formato, consideramos que lhes deu um acréscimo em suas formações, podendo apreciar e ser parte do processo.



Mural coletivo produzido no Centro de Artes da Udesc durante o Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler – FIK 2018  
Foto: Eduardo Beltrame

## 6. De que forma vocês acreditam que a arte contribua para os espaços urbanos?

A arte nos espaços públicos gera principalmente uma abertura da arte para outro espectador. Alguém que talvez não tenha interesse em visitar um museu pode ficar emocionado com uma obra pública. Esse fato nos atravessa porque o interesse do espectador é totalmente genuíno.

## 7. Como ter um trabalho feito por vocês?

Para ter um trabalho nosso podem nos contatar pelo site [medianeras.com.ar](http://medianeras.com.ar) ou instagram @medianerasmurales. Gostamos muito de receber propostas de diferentes partes do mundo para criar nossa obra, já que quando mudamos o contexto nos encontramos em novos rumos e diferentes culturas, desafiando-nos a fazer novas obras.

## Agradecimentos de Medianeras

Muito obrigada por nos terem convidado a fazer parte deste primeiro encontro tão especial, o FIK 2018, homenageando um professor que claramente deixou um legado incrível em termos de arte e formação. Queremos expressar nossos sinceros agradecimentos a todos os organizadores, assistentes e diretores da Udesc envolvidos no Festival; aos alunos que participaram da oficina para intervenção na bela parede do Ceart, obrigada por compartilharem conosco esta incrível experiência. Conhecemos pessoas e lugares que gostaríamos de cruzar novamente. ■

## Saiba mais



[medianeras.com.ar](http://medianeras.com.ar)



@medianerasmurales



/ medianerasmurales

# Família no Museu

## Projeto extensionista de ampliação do acesso à arte

Por Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

*Família no Museu*<sup>1</sup> é um projeto de extensão vinculado ao Programa de Extensão do Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores – Life da Udesc. Nasceu em 2011, em parceria com o Museu Histórico de Santa Catarina – MHSC, iniciando-se os estudos a partir de Anversa (2011)<sup>2</sup>, que investigou como as mães de escolas particulares validam a formação artística das crianças com deficiência. Elas ressaltaram a inexistência de espaços expositivos na Grande Florianópolis que pudessem receber seus filhos.

Considerando-se a necessidade de divulgar os espaços expositivos existentes e de propor um projeto de ação educativa para famílias de filhos com deficiência, nasceu o projeto piloto intitulado *Família no Museu: um encontro inclusivo a partir da arte*, que, mais tarde, passou a se chamar sinteticamente *Família no Museu*.

A ação educativa partiu da definição e do estudo da oferta de exposições locais e do levantamento das deficiências presentes entre os participantes. Por isso, um encontro mensal é precedido de inscrição. Nessa mediação, está prevista uma oficina de artes para aprofundar a apreciação estética da exposição.

Após o primeiro ano, o projeto foi reformulado e passou a acontecer em diferentes espaços culturais da cidade de Florianópolis. Participam atualmente o Museu Histórico de Santa Catarina – MHSC, Museu de Arte de Santa Catarina – MASC, Museu da Imagem e do Som – MIS, Museu Victor Meirelles – MVM, e as fundações Hassis e Badesc. Até hoje, esse é o único projeto sistemático que atende a crianças com deficiência em Santa Catarina.

O formato itinerante oportunizou visibilidade das instituições culturais às famílias com deficiência, que, de modo geral, são pouco incluídas nas ações culturais da cidade.

<sup>1</sup> Na atualidade, o projeto tem como equipe a professora Priscila Anversa e os bolsistas de extensão Dalva França de Assis (licenciatura em Artes Visuais) e Hingrid Medeiros Classen (bacharelado em Artes Visuais).

<sup>2</sup> PPGAV – Ceart-Udesc





Projeto *Família no Museu* promove acessibilidade e inclusão por meio da arte. Foto: Hingrid Medeiros Clasen

A falta de acesso dificulta a presença das famílias cujos filhos necessitam de apoio para locomoção, pois as instituições culturais têm escassez de elevador, falta de acesso nas entradas, pisos irregulares, e precariedade nos planos para circulação de cadeiras de roda. Outras intercorrências de mobilidade urbana foram destacadas pelo artista Rafael Schultz, em 2014, quando, em uma de suas ações artísticas, ele percorreu ruas de Florianópolis de cadeira de rodas para mapear pontos de falta de acessibilidade.

Ainda no tema da mobilidade urbana, ressaltam-se a carência de ônibus adaptados e os poucos horários nos finais de semana, problemas esses que se somam às dificuldades de acesso às instituições culturais para toda a população.

A Declaração de Direitos das Pessoas com Deficiência, documento atualizado em 2012, demarca que a deficiência não está nas pessoas que apresentam dificuldades, mas na sociedade, que não consegue transpor as barreiras físicas e atitudinais para abarcar

as necessidades desse público, que possui diferentes especificidades, “reconhecendo que a deficiência é um conceito em evolução e que a deficiência resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente que impedem a plena e efetiva participação dessas pessoas na sociedade em igualdade de oportunidades com as demais pessoas [...]”. (CONVENÇÃO, 2012, p. 22).

Muitos estudos nessa direção vêm sendo desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa Educação, Artes e Inclusão – GPAI, para se conhecer mais profundamente a realidade das pessoas com deficiência, em especial, o problema da acessibilidade aos museus e outros espaços culturais.

Entre o público atendido no projeto estão famílias de classe média/alta que participam como uma atividade de fim de semana; famílias de camadas populares que buscam experiências culturais e de lazer para seus filhos; e crianças acompanhadas com profissionais da escola em fins de semana.

O projeto conta com uma página no Facebook, que também contempla uma comunidade de interessados e cujos participantes cadastrados são sempre convidados a cada novo encontro.

Os materiais para as atividades com as crianças e os adultos são adaptados para cada necessidade e veiculados em oficinas, proporcionando experiências com as Artes Visuais. Ao longo dos anos do projeto, uma dezena de materiais foi produzida, com variedade de texturas, materialidade e formatos, e com a intenção de ampliar a experiência no diálogo com as obras de arte.

Esses materiais adaptados levam em consideração a abordagem de produção artística, problematizada por Fonseca da Silva (2010). Também colaboraram com essa formulação os estudos de Farias (2014) e Rocha (2015).

O Família no Museu é acompanhado por bolsistas de extensão cuja participação ressalta dois aspectos: primeiro, a formação de uma equipe para dar conta das demandas do projeto, em apoio às atividades da coordenação. Isso inclui escolher a exposição que melhor atende às necessidades do público do projeto, organizar o cartaz e convites pelas redes sociais e demais inscritos, organizar a oficina, registrar e relatar o encontro a fim de deixar subsídios para os processos de avaliação e pesquisa. E o segundo aspecto a ser ressaltado são as contribuições do projeto para a aproximação dos estudantes bolsistas de extensão com os públicos com deficiência, e como essa problemática é tratada pelos espaços culturais. Como exemplo, a partir do projeto, dois espaços buscaram formas de ampliar sua acessibilidade: a Fundação Hassis e o Museu Victor Meirelles. Ou seja, a oportunidade vivenciada amplia o campo de trabalho de estudantes em formação, qualifica a visão de



Fotos: Hingrid Medeiros Clasen

mundo deles, de acessibilidade e de convívios social, cultural e educativo com o público com deficiência, e estimula que o professor de artes visuais em formação acolha em sua classe os estudantes com deficiência, ampliando, assim, suas formas de participação, considerando os direitos à aprendizagem desse público específico.

No desenvolvimento das atividades e na parceria com os espaços culturais, as atividades com vistas à ampliação da formação estética dos públicos participantes são aprimoradas. A seleção das exposições dá o fio condutor das oficinas. Ora são utilizados carimbos tridimensionais, quando a exposição é de gravura, ora tablets e máquinas fotográficas para a interação com exposições fotográficas e maquetes táteis, que permitem a melhor dimensão das instalações. Também experiências de pintura, escultura e recorte são atividades adaptadas aos públicos participantes. Assim, a pesquisa de materiais e suportes tem acompanhado o projeto em sua trajetória. Um aspecto de destaque é que os setores educativos têm se qualificado para responder às demandas dos públicos com necessidades específicas, ampliando as formas de aprendizagem e fruição artística nos espaços culturais.

Um público flutuante também é uma realidade da ação educativa nos espaços culturais. Por isso, não há uma leitura de continuidade, embora alguns participantes estejam sempre presentes ou retornem eventualmente.

Por fim, as expectativas do projeto são de oportunizar (1) a experiência estética em cada encontro, a fim de que as famílias percebam o aparato cultural como espaço público à disposição para aprendizagens artísticas e culturais, e (2) o lazer nesse encontro com as famílias e a universidade do estado, por meio do seu Centro de Artes. ■

## Referências

ANVERSA, Priscila. *O que pensam as famílias sobre a formação artística dos filhos com deficiência?* Com a palavra, as mães. Dissertação. Universidade do Estado de Santa Catarina, 2011.

CONVENÇÃO sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. 2012. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/convencao/pessoascomdeficiencia.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2018.

FARIAS, Raysa Serafim. *Projeto família no museu: um relato mudo de sonhos Falantes*. Monografia. (Graduação em Artes Visuais) – Universidade do Estado de Santa Catarina, 2014.

FONSECA DA SILVA, Maria Cristina da Rosa. Produzindo objetos pedagógicos na formação de professores de Arte. In: FONSECA DA SILVA, Maria Cristina da Rosa; KIRST, Adriane Cristine (Orgs.). *O objeto pedagógico na formação de professores de artes visuais*. v. 500. Florianópolis: Udesc, 2010. p. 33-54.

MYCZKOWSKI, R. S. Rota: falsa acessibilidade. In: IX Ciclo de Investigações – Transgressões. Florianópolis: Ceart/Udesc, 2014.

ROCHA, Stéfani Rafaela Pintos da. *A formação dos licenciandos em artes visuais no projeto Pibid interdisciplinar Udesc: um estudo da produção de materiais para pessoas com deficiência*. Dissertação. PPGAV/Udesc, 2015. 169 p.

Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva é coordenadora do programa LIFE e seus projetos, como o Família no Museu. Professora do Departamento de Artes Visuais e dos Programas de Pós-Graduação Prof-Artes, PPGAV e PPGE da Udesc.

## Saiba mais

f [bit.ly/lifeudesc](http://bit.ly/lifeudesc)

f [fb.com/familianomuseu](https://fb.com/familianomuseu)

✉ [familianomuseu@gmail.com](mailto:familianomuseu@gmail.com)



Exposição "Cabeças", de Marcus Vinicius Dutra e Adriana Fuchter, durante o Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler - FIK 2018. Foto: Eduardo Beltrame



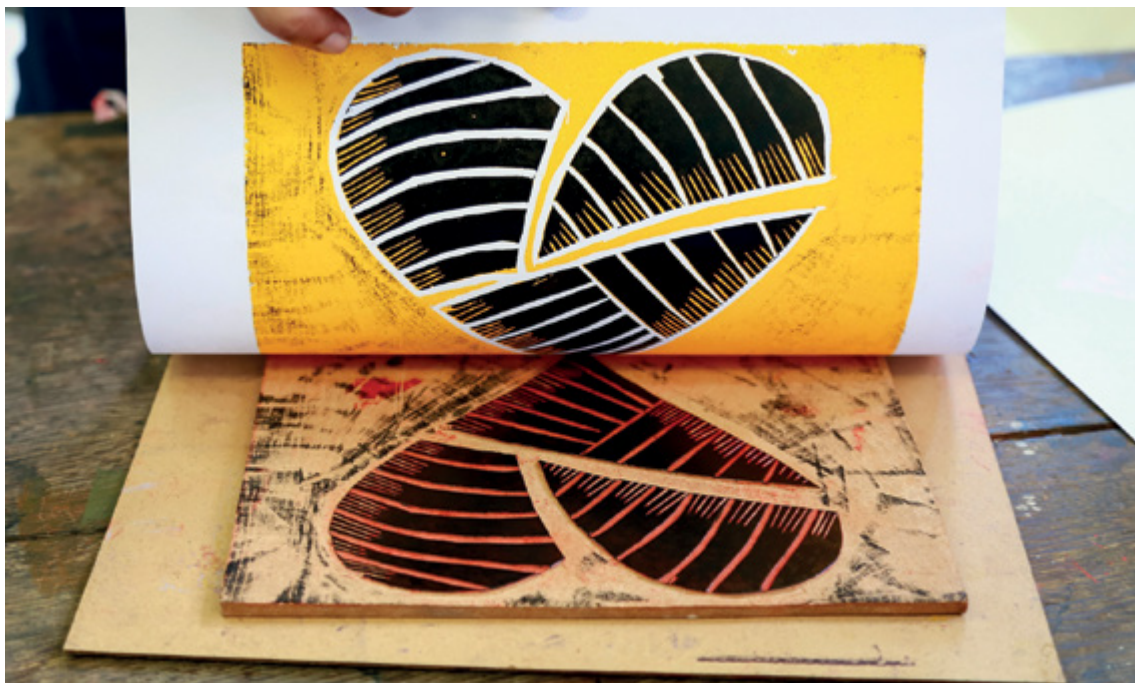


Exposição "Estou Te Vendo", de Soninha Vill, durante o Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler - FIK 2018

Foto: Soninha Vill



Exposição "VerAcidade", com curadoria de Soninha Vill e Lucila Horn, durante o Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler - FIK 2018. Foto: Eduardo Beltrame



Imagens realizadas durante a oficina “Gravura na Técnica Matriz Perdida”, ministrada por Milton Cazelatto no Festival Internacional de Arte e Cultura José Luiz Kinceler - FIK 2018. Fotos: Eduardo Beltrame



# O Design e a Indústria 4.0

Por Gabriela Botelho Mager

“O design é uma disciplina dinâmica e em constante evolução” (ICO-D, 2018). Começo esse breve artigo com a recente citação do *International Council of Design*, entidade que representa a profissão no mundo todo. O design surgiu junto com a indústria e vem se desenvolvendo e evoluindo com ela para acompanhar e, por vezes, liderar o processo de inovação tecnológica, cultural e social. Desde sua origem, o designer é o profissional que cria interfaces entre produtos, sistemas e pessoas. Entretanto, as características destas interações são alteradas, principalmente, em função do desenvolvimento tecnológico e mudança de valores culturais, entre muitas outras coisas.

Em quase 250 anos de história da indústria e do design, quatro revoluções tecnológicas aconteceram e transformaram profundamente a sociedade e as relações humanas entre si e com o planeta. A primeira Revolução Industrial, ou Indústria 1.0, surgiu a partir de 1780. A produção passou a utilizar processos mecânicos usando água e energia a vapor para seu funcionamento. Ampliou a capacidade de produção unindo processos artesanais à mecânica. É neste período que a indústria divide as tarefas na linha de produção por especialidades e surge o design como profissão, sendo o profissional responsável por criar objetos que pudessem ser produzidos em escala e que atendessem ao estilo e gosto do público.

A partir de 1870, uma nova guinada acontece na indústria e, por isso, é chamada de Indústria 2.0. Caracterizou-se por uso da recém-descoberta energia elétrica para funcionamento das máquinas ampliando sua velocidade e capacidade produtiva e pela aplicação de métodos científicos à produção. O exemplo emblemático é a linha de montagem desenvolvida por Henry Ford. Nesta fase, o design projetava para otimizar a produção industrial e democratizar os bens de consumo à sociedade. Além da preocupação com a qualidade estética, preços acessíveis e demandas da sociedade, começou a buscar alternativas para questões ergonômicas e de sustentabilidade a partir dos anos de 1950.

A chamada Indústria 3.0 surgiu a partir de 1970 pelo uso de automação na produção industrial, com dispositivos eletrônicos acompanhando a linha de produção. Como exemplo, os braços robóticos na linha de produção automotiva auxiliando operários nas tarefas de força.





Aplicativo ParticipACT Brasil permite que os cidadãos relatem problemas urbanos para a criação de um Big Data para a cidade de Florianópolis. Foto: Laís Moser

Principalmente de 1990 para cá, o campo do design começou a demonstrar importância estratégica para as indústrias, que compreenderam que, ao pensar como designers, poderiam contribuir muito para a inovação e atendimento das reais necessidades da sociedade. Grandes indústrias agregaram a metodologia de design a suas gestões na busca de inovação. Steve Jobs orientou a Apple para desenvolver produtos com foco no usuário a partir de princípios do Design Thinking e revolucionou a forma de comunicação humana ao criar o smartphone com sistemas operacionais que permitissem o uso de uma série de aplicativos digitais. Claro, isso só foi possível também com o desenvolvimento da internet.

Agora, presenciamos o surgimento de uma nova revolução na indústria, a chamada Indústria 4.0, termo apresentado em 2012 pelo grupo de pesquisadores, coordenados por Siegfried Dais e Henning Kagermann,

responsável pelo projeto de diretrizes estratégicas em tecnologia e inovação para o governo alemão (SILVEIRA; LOPES, 2018). A indústria 4.0 é aquela que possui uma produção inteligente, estruturas modulares, sistemas ciber-físicos que monitoram os processos físicos. Traduzindo, é a que opera em conjunto os sistemas ciber-físicos, humanos e indústrias inteligentes para que se conectem e se comuniquem por meio da internet e computação na nuvem.

A 4ª Revolução Industrial trará um impacto mais profundo e exponencial no mercado e na sociedade, em função do conjunto de tecnologias que permitirão a fusão do mundo físico, digital e biológico, segundo o Ministério da Indústria, Comércio e Serviços e a Associação Brasileira da Indústria (ABDI, 2018), que juntos desenvolveram a “Agenda para a indústria 4.0” com o objetivo de preparar o Brasil para os desafios futuros.

O Programa brasileiro prevê incentivos em pesquisa e desenvolvimento para a fusão dos mundos físico, digital e biológico, por meio de tecnologias que facilitem a fusão destas áreas estratégicas. São elas: Manufatura Aditiva (Impressão 3D); Inteligência Artificial; IOT (*Internet Of Things*) ou internet das coisas, cujos produtos, prédios e serviços possuem tecnologia embarcada, sensores e conexão com a rede, capazes de coletar e transmitir dados. Hoje, já existem nas estradas europeias caminhões de transporte de cargas que operam de maneira autônoma, comunicando-se com sistemas remotos; Biologia Sintética, projetos de partes biológicas como enzimas, células, sistemas biológicos existentes e; Sistemas Ciber-físicos, que fundem mundo físico e digital.

Diante do cenário futuro que, aliás, já está acontecendo nos países mais inovadores, como Suécia, Suíça,

Finlândia, Dinamarca, Reino Unido, EUA, Coreia do Sul, Cingapura, precisamos pesquisar e formar pessoas que estejam preparadas para atuar com essa nova indústria em nosso país.

O Programa de Pós-Graduação em Design da Udesc – PPGDesign, vem ao encontro desse objetivo, concentrando no campo de fatores humanos pesquisas sobre interfaces e interações com os artefatos, principalmente com novas tecnologias que se integrem às necessidades humanas. Os trabalhos defendidos pesquisam a relação entre design e inovação tecnológica aplicados a várias áreas, tais como saúde, vestuário, administração, produtos, serviços e educação. Um exemplo seria o uso de realidade aumentada para ensino de xadrez para crianças, pesquisa apresentada na dissertação defendida por Lucas Frigo Furtado.



Projeto: Dinamômetro - O equipamento serve para medir a prensão manual para diagnóstico médico e reabilitação de pacientes, entre outras aplicações

Existem projetos desenvolvidos por professores do Departamento de Design e PPGDesign que também buscam a interação do design à indústria 4.0. Os professores Célio Teodorico, Elton Nickel e Marcelo Gitirana, Noé Borges, Susana Domenech e os bolsistas Altino Alexandre, André Ramos e Paulo Martins desenvolveram o projeto de um Dinamômetro, equipamento utilizado pelas áreas médica e de fisioterapia para avaliar força de pacientes e possibilitar melhor precisão no diagnóstico médico. O professor Walter Dutra pesquisa a tecnologia de manufatura aditiva em impressoras 3D, seja para testagem de protótipos ou para modelagem de novos produtos.

A professora Gabriela Mager desenvolve com o grupo de pesquisa em administração da Esag-Udesc a criação de um Big Data para a cidade de Florianópolis, por meio de um aplicativo de smartphone, o ParticipAct Brasil, no qual os cidadãos podem contribuir com problemas urbanos encontrados. Estes dados precisam ser analisados e apresentados em uma interface que seja facilmente entendida pelos usuários. Tanto a usabilidade do aplicativo, quanto a visualização dos dados do Big Data, precisam de uma interação confortável e de fácil uso. É aí que o design entra, fazendo a conversão de linguagens entre sistema e pessoas para facilitar a interação entre eles.

A indústria 4.0 está iniciando e com ela enormes e estimulantes desafios. Novos modelos de negócios surgirão, a indústria possibilitará uma produção customizada para integrar necessidades individuais, se desenvolverá a aplicação de inteligência artificial, e se ampliarão pesquisas e a necessidade de desenvolvimento de profissionais com formação multidisciplinar.

O design por sua própria natureza detém uma formação multidisciplinar e tem por objetivo trabalhar

na construção das interações entre pessoas, artefatos, serviços e ambientes que as rodeiam, empregando abordagens interdisciplinares e híbridas, compreendendo o impacto cultural, ético, social, econômico e ecológico de seus projetos em relação às pessoas e ao planeta. No novo contexto que inicia, assim como a indústria, também podemos denominar o design como 4.0. ■

## Referências

ABDI; Ministério da Indústria, Comércio e Serviços. *Agenda brasileira para a indústria 4.0*. Disponível em: <<http://www.industria40.gov.br/>> Acesso em: 17 nov. 2018.

BÜRDEK, B. E. *Historia, teoria e prática do design de produtos*. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

FORTY, A. *Objetos do desejo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

FURTADO, L. F. *Realidade aumentada aplicada ao ensino de xadrez para crianças do ensino fundamental*. 2016. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade do Estado de Santa Catarina – Florianópolis, SC, 2016. Disponível em: <<http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000023/0000233f.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

ICO-D. *International Council of Design*. Disponível em: <<http://www.ico-d.org/>> Acesso em: 17 nov. 2018.

SILVEIRA C. B; LOPES G. C. *Indústria 4.0*. Disponível em: <<https://www.citisystems.com.br/industria-4-0/>> Acesso em: 17 nov. 2018.

Gabriela Botelho Mager é professora do Departamento e Programa de Pós-Graduação em Design da Udesc.

# Design e Reabilitação

Por Laís Campos Moser, do Núcleo de Comunicação da Udesc Geart



Uma parceria entre o curso de Design da Udesc e o Centro Catarinense de Reabilitação (CCR) tem desenvolvido projetos para a melhoria da qualidade de vida de pessoas com deficiência. Segundo o último censo do IBGE, o Brasil possui 45 milhões de pessoas com deficiência, o que corresponde a quase 24% da população.

Projetos de ensino, pesquisa e extensão no campo do design gráfico e industrial vem sendo realizados pelo Centro de Artes (Geart) da universidade junto ao CCR, instituição pública vinculada à Secretaria de Estado da Saúde de SC, que atende pacientes com algum tipo de deficiência física, intelectual ou com diagnóstico de autismo.

“Design e reabilitação tem tudo a ver. Porque tudo o que fazemos no serviço de reabilitação tem o design envolvido, desde o design de serviço até o design de equipamentos. Há um apelo muito funcional e muito social no trabalho que desenvolvemos juntos. Trazemos o design, que às vezes as pessoas veem como algo de luxo, sem se dar conta de que está no dia a dia. E no caso das pessoas com deficiência, o design é extremamente importante”, afirma Cristiane Lima Carqueja, médica e Gerente do CCR.

Os projetos já desenvolvidos ou atualmente em desenvolvimento vão desde manuais de uso de equipamentos de reabilitação, especificação técnica dos mesmos para confecção a preço acessível, até pesquisas sobre tecnologia assistiva<sup>1</sup> e sobre a inclusão de pessoas no mercado de trabalho.

Ilustração do Parapodium realizada por acadêmicos de Design para manual de uso do equipamento  
Arte: Aline Rocha, Gabriela Oliveira e Hugo Duarte

<sup>1</sup> Tecnologia Assistiva engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que dão mais autonomia, independência e qualidade de vida a pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida.



“A reabilitação de um indivíduo à sociedade é um processo complexo e necessita de um olhar multidisciplinar para ser realizado”, complementa Letícia Goulart Ferreira, fisioterapeuta e chefe do setor de Reabilitação Pediátrica do CCR.

### Manuais de uso de equipamentos

O primeiro projeto realizado pelo curso de Design no CCR ocorreu em 2017 e envolveu a disciplina de Ergonomia Aplicada ao Design Gráfico, ministrada pela professora Gabriela Mager.

Os alunos desenvolveram oito manuais ilustrativos de uso de equipamentos, utilizados na reabilitação de pacientes. Os guias são disponibilizados pelo CCR às famílias, orientando para a correta utilização dos equipamentos em casa e trazendo informações variadas, como benefícios, tempo e frequência da utilização, cuidados necessários e instruções para confecção.

Entre os equipamentos, está a “cadeira alta” – móvel para o posicionamento adequado de pacientes sem controle de tronco; a “cadeira baixa”, importante para o ajuste postural e para a socialização com outras crianças no ambiente escolar; e o “parapodium”, equipamento utilizado para auxiliar crianças na manutenção da postura em pé em casos de paralisia cerebral, por exemplo, e que auxilia no sistema circulatório, respiratório e digestivo.

“A parceria permitiu um diálogo entre os profissionais que atendem os pacientes e alunos/professores do Design Udesc, sobre as adaptações e equipamentos necessários para permitir maior independência dos



Protótipo do Parapodium em escala reduzida, feito em impressora 3D pelo Grupo de Pesquisas Ergonômicas em Design  
Foto: Rafael Moreira

indivíduos atendidos, assim como dispositivos usados durante o tratamento. Estes manuais viabilizaram uma maior compreensão da família com relação à confecção e visualização do equipamento”, conta Letícia Goulart Ferreira, fisioterapeuta e chefe do setor de Reabilitação Pediátrica do CCR.

### Parapodium

A partir da elaboração dos manuais ilustrativos, o Grupo de Pesquisas Ergonômicas em Design, coordenado pelo professor Marcelo Gitirana no Centro de Artes, escolheu o equipamento Parapodium para desenvolver um projeto de especificação técnica, facilitando a fabricação a baixo custo e de forma ergonômica pelas famílias atendidas pelo CCR.

Rafael Akira Rozner, estudante da 6ª fase do curso de Design Industrial, é um dos envolvidos neste projeto. Ele explica que muitas famílias não podem comprar

um equipamento sofisticado, por isso recorrem a um marceneiro para reproduzi-lo em madeira, a partir de imagens extraídas da internet. O professor Marcelo Gitirana complementa que a ideia principal é fazer um projeto de fácil construção e disponibilizá-lo gratuitamente, para que a própria família possa facilmente providenciar a confecção a baixo custo e de forma adequada.

Para o Parapodium, foram desenvolvidos desenhos técnicos, modelamento virtual, protótipo reduzido em impressora 3D e, agora, o grupo trabalha na montagem do equipamento em tamanho real. A equipe também vem estudando como realizar o aproveitamento máximo da chapa de madeira a ser utilizada para a confecção e como a criança pode ficar mais confortável com o uso deste material.

“É interessante porque vemos aplicações médicas e ortopédicas dentro do Design Industrial, que estão diretamente relacionadas à saúde. O mais legal é que é uma causa social, podemos ajudar a comunidade junto com o laboratório”, conta Rafael.

### **Inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho**

Outro projeto desenvolvido no Centro de Artes pretende levantar os requisitos necessários para a inclusão de pessoas com deficiência nas organizações, estimulando e auxiliando gestores de empresas a adaptarem seus sistemas de trabalhos, em atendimento à legislação vigente, melhorando a inclusão destas pessoas no mercado de trabalho. Coordenada pelo professor Elton Moura Nickel, a pesquisa está vinculada ao grupo de pesquisa Tecnologia Assistiva e Fatores Humanos (TA&FH).

A Lei Federal nº 8.213 de 1991 institui que empresas com 100 ou mais funcionários devem destinar um percentual dos postos de trabalho a pessoas com alguma deficiência – este percentual pode variar de 2% a 5%, dependendo do total de empregados da organização. “Torna-se claro que o avanço no cumprimento da Lei de Cotas se dará, não apenas pela obrigatoriedade imposta pelo governo, mas sobretudo pela visão mais inclusiva de empresas que enxergam na inclusão uma oportunidade de desenvolvimento tanto para o profissional com deficiência quanto para toda a organização. Ferramentas ou documentos de apoio que contemplassem requisitos básicos e pudessem auxiliar a organização a adaptar seu sistema de trabalho, visando a inclusão, seriam bem recebidos pelos gestores”, afirma o professor Elton Nickel.

Aspectos como disponibilização de recursos de tecnologia assistiva, projetos arquitetônicos com acessibilidade, ambiente organizacional favorável, capacitação e valorização do trabalhador, dentre outros, são apontados pelo grupo de pesquisa como essenciais para que as empresas consigam cumprir com suas responsabilidades neste assunto.

O projeto está em seu primeiro semestre de realização e a primeira etapa envolve uma contextualização da pesquisa, por meio de um método que reunirá e analisará estudos relevantes sobre o panorama atual da inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. “A partir do levantamento dessas informações preliminares, realizaremos reuniões com um grupo de foco no CCR, composto de representantes de profissionais da reabilitação, pessoas com deficiência e gestores de empresas, a fim de definirmos quais são



Professores do curso de Design (Célio Teodorico e Murilo Scoz) em conversa com integrantes do CCR, incluindo a gerente Cristiane Carqueja. Foto: Gabriela Mager

os requisitos para projetos de sistemas de trabalho inclusivos. Essas reuniões já estão agendadas para serem realizadas no primeiro semestre de 2019”, conta Elton. Além dele, também participam do projeto os professores Marcelo Gitirana e Milton Cinelli e alunos de graduação e pós-graduação em Design.

“Espera-se que, após a realização de projetos de sistemas de trabalho que contemplem os requisitos identificados, haja maior inclusão, autonomia e qualidade de vida para os trabalhadores, bem como maior produtividade e desenvolvimento econômico e social para as organizações”, complementa o professor.

### Pesquisas de Mestrado

Pesquisas de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Design (PPGDesign) também vem sendo desenvolvidas junto ao CCR para o aperfeiçoamento de dispositivos para o processo reabilitação. Uma delas é da mestranda Carolina Tavares, orientada pelo professor Murilo Scóz, que pretende elaborar diretrizes para a construção de projetos de interfaces interativas em dispositivos *touchscreen* para pessoas com paralisia cerebral, a partir do grau de suas disfunções motoras.

“A expectativa é que as diretrizes desenvolvidas orientem futuros designers a desenvolver aplicativos que facilitem o uso de pessoas com paralisia cerebral, considerando quais gestos eles conseguem realizar nos dispositivos *touchscreen*, fomentando a inclusão digital, a acessibilidade desses aparatos e fornecendo novas possibilidades de atividades para os terapeutas”, conta Carolina. ■

## Saiba mais

☎ (48) 3221-9200

📍 Centro Catarinense de Reabilitação (CCR) - R. Rui Barbosa, 70 - Agrônômica, Florianópolis/SC



**MuLP - O Novo Museu da Língua Portuguesa / JOÃO HENRIQUE GUIZZO SAUCEDA / Projeto de Graduação**

Para dar um novo posicionamento ao Museu da Língua Portuguesa, esta proposta busca tornar sua personalidade mais acessível, espontânea, acolhedora, orgulhosa e otimista. O projeto foi selecionado em 2017 para a 12ª Bienal Brasileira de Design Gráfico





**Oniclinic / RAFAEL COELHO DE MORAES / Projeto de Graduação**

Oniclinic é uma plataforma para gerenciamento de clínicas centrado na experiência do usuário: permite que o usuário gerencie suas atividades, como, onde e com o dispositivo que mais lhe for conveniente



**Dóro - Linha de Azeites de Oliva Especiais / ISIS CONCEIÇÃO / Projeto de Graduação**

Linha de azeites de oliva envasada em garrafas de cerâmica. A marca oferece um dosador exclusivo em forma de pipeta, facilitando a retirada do azeite. Projeto selecionado para a 6ª edição da Mostra Jovens Designers, realizada de março a maio de 2018 em São Paulo



**Sense - Chaleira elétrica inclusiva / KAROLINA WESTFAL BURATTO / Projeto de Graduação**

Chaleira elétrica projetada para facilitar o dia a dia de pessoas com deficiência visual, desenvolvida a partir dos conceitos do Design Universal. Projeto selecionado para a Global Grad Show 2017 - exposição realizada durante a Semana de Design de Dubai, em 2017



Bandeiras têxteis exclusivas do acervo da Teciteca  
Foto: Wagner Locks

## Modateca e Teciteca

Projetos marcam a história da Universidade e também do Estado de Santa Catarina

Por Linda Inês Pereira Lima, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart  
Colaboração de Wagner Locks

Referência em todo o Brasil, o curso de bacharelado em Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) foi um dos primeiros cursos no país a desenvolver um local para pesquisa de tecidos “teciteca” e um acervo referente à história da roupa e de acessórios “modateca”. Ambas as ideias se consolidaram em programas de extensão no Centro de Artes em momentos diferentes, a partir do esforço de professores e profissionais que acompanharam o crescimento do curso de Moda e o fizeram ser o que é atualmente.

A Teciteca e a Modateca são locais onde estão armazenados e catalogados objetos representativos da cultura da moda de Santa Catarina e do curso de Moda da Udesc. Atualmente estão catalogados na Modateca mais de 4 mil peças de roupas de todas as décadas a partir de 1891 até os anos 2000. E a Teciteca contém

criações têxteis do Brasil e tecidos exclusivos que foram desenvolvidos por estudantes e professores da Udesc Ceart.

Ambos os espaços funcionam de maneira integrada entre alunos, professores e a comunidade – disciplinas do curso de Moda da Udesc utilizam objetos dos dois acervos para referências de produção em suas aulas. “Essa é uma maneira de criar uma sintonia entre pesquisa e extensão onde as criações têxteis acadêmicas estão disponíveis para a comunidade e os alunos em contato com os tecidos enviados pelas empresas”, explica Maria Izabel Costa, uma das fundadoras da Teciteca na Udesc e professora aposentada da instituição. Como toda a universidade, estão abertos à comunidade para pesquisa e conhecimento.



### **Teciteca: referência no país e coleções únicas de tecidos**

Criada para ampliar o espaço de referência na área de moda, a Teciteca foi desenvolvida em 1996 junto do curso de Moda da Udesc. Segundo Maria Izabel Costa foi preciso estabelecer um local de pesquisa e também de referência para o departamento na área de tecidos. A partir daquele momento a professora do Departamento de Moda ficou responsável pelo espaço.

A palavra teciteca surgiu de um neologismo da junção do latim *Texere*, que significa Tecer, com *Teca*, que é caixa ou local de armazenamento. O espaço existe há 22 anos e reúne amostras únicas e históricas, como uma peça do estilista brasileiro Jum Nakao, que em 2004 desenvolveu uma coleção de roupas inteiramente em papel, destruídas pelas modelos na passarela.

O acervo possui bandeiras (recortes de tecido catalogados com algumas especificações, como nome, gramatura, ordem de registro, composição, criador, etc)

e glossários têxteis produzidos tanto na Teciteca, quanto na indústria. Os glossários são guias com especificações técnicas de cada tecido e como podem ser empregados.

As bandeiras são enviadas por indústrias têxteis, coletadas gratuitamente através de pedidos que a Teciteca faz para diferentes empresas nacionais e estaduais. “Para que a Teciteca possa estar atualizada, estamos constantemente solicitando que as empresas nos enviem materiais com estampas, ou com texturas diferenciadas”, afirma Maria Izabel Costa.

Uma das coleções disponíveis no acervo foi desenvolvida na Udesc por Maria Izabel como produto de sua dissertação de mestrado. Em 2003 ela se especializou em Engenharia de Produção na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com a dissertação: *Transformação do Não tecido - uma abordagem do design têxtil em produtos de moda*. A partir deste estudo, a professora pode aplicar os seus resultados em disciplinas do Departamento de Moda.



Maria Izabel Costa na Teciteca, com bandeira têxtil realizada por estudantes do curso de Moda. Foto: Wagner Locks

A Teciteca dá suporte à comunidade com a disponibilização de ferramentas para a observação de tecido e informações específicas. “Para saber como fazer uma roupa é preciso entender como são os tecidos, como construir uma padronagem”, diz Maria Izabel Costa acerca do papel da pesquisa na universidade e na comunidade.

Diferentes disciplinas do curso utilizam o material da Teciteca, a de Materiais Têxteis é uma delas. Para pesquisas acadêmicas, os formandos do curso de Moda também procuram o espaço como referência e inspiração para o desenvolvimento das coleções de final de curso. O local é coordenado atualmente pela professora Lourdes Maria Puls, chefe do Departamento de Moda.

### **Modateca: acervo da história da moda catarinense**

A iniciativa de implantação da Modateca no curso de Moda da Udesc Ceart teve origem no ano de 2003. Entre os envolvidos nestes 15 anos, estão o coordenador e professor José Alfredo Beirão Filho e a técnica universitária Marlene Torrinelli.

Integrada ao Departamento de Moda e com o objetivo de contribuir para a formação de uma memória cultural têxtil em Santa Catarina, a Modateca disponibiliza à comunidade um espaço para pesquisa de moda e do vestuário. O projeto é algo próximo a um museu, porém com processos semelhantes ao de armazenamento de uma biblioteca, como, catalogação, classificação de especificidades, organização por tipos. Assim, é possível armazenar um pouco da história local para mostrar em sala de aula as diferenças de modelos de roupas e também das adaptações feitas por costureiras de Santa Catarina. “Os professores encontravam dificuldade para

exemplificar o que e como era produzida uma roupa há 50 anos”, comenta a técnica Marlene.

Ao longo de 15 anos, o acervo adquiriu mais de 4 mil peças de roupas e acessórios através de doações. Com a doação de algumas peças feitas por professores, alunos e comunidade, foi possível reunir verdadeiros artefatos, que começaram a ser catalogados e estudados. O professor Beirão comenta que “o acervo da Modateca nos ensina como entender e como se processam as relações sociais, de vida e do dia a dia, se constituindo em um artefato singular de pesquisa”. Para Marlene, cada peça de roupa estudada pode representar mais que a moda da época, pois “você estuda o tecido, o maquinário com que ele foi feito, os aviamentos, toda a situação socioeconômica também você consegue ver”, afirma.



Vestido longo de renda irlandesa feita à mão, datado de 1910, e pertencente ao acervo da Modateca. Foto: Adriana Fächer

Segundo o coordenador do projeto, quem doa suas roupas geralmente o faz pelo apego emocional às peças: “As pessoas que têm aquele vestido da avó, de casamento ou de debutante, sabem que é importante para a família e não querem se desfazer, doam para nosso acervo, pois sabem que as peças estarão resguardadas”. O professor Beirão conta também que quando o estudante do curso de moda finaliza o curso é necessário criar uma minicoleção como trabalho final. “Muitos deles vêm até a Modateca e também à Teciteca para se inspirarem em modelos e tecidos”.

A partir do processo de doação, a equipe realiza o tombamento da peça de roupa para que dessa maneira ela seja catalogada e também protegida pelas leis do município de Florianópolis. Marcas como Dior, Chanel e peças de estilistas catarinenses, como Érica Thiesen, Galdino Lenzi, Maria Neves, Gesoni Pawlick e Olga Mafra estão presentes no acervo.

A Modateca funciona diariamente na Biblioteca Central da Udesc, em Florianópolis. Marlene conta que o acervo foi formado a partir da união de conhecimentos do curso de História e também de Biblioteconomia da Udesc: “Trazer a importância da roupa dentro da história, tanto do estado quanto nacionalmente, é algo fundamental no curso de Moda da Udesc”, afirma.





Dentro do espaço também existe uma hemeroteca, com revistas de moda antigas e atuais; e uma coleção de acessórios, calçados, roupas de bebês, caixas de fósforos da década de 20, entre outros artefatos. Para difundir seu acesso, a Modateca disponibiliza parte do acervo no site, com fotos das peças mais importantes e catalogação específica. Assim como toda a Udesc o espaço está aberto a todos da comunidade que queiram visitar e conhecer as peças históricas. ■



Vestido de noiva do estilista catarinense Galdino Lenzi integra acervo da Modateca. Peça em gazar marfim data de 1990  
Foto: Adriana Fächer

## Saiba mais

### Modateca

-  [modateca-sc.com](http://modateca-sc.com)
-  [/modateca.udesc](https://www.facebook.com/modateca.udesc)
-  [@modateca.udesc](https://www.instagram.com/modateca.udesc)
-  [contato@modateca-sc.com](mailto:contato@modateca-sc.com)

### Teciteca

-  [teciteca.com.br](http://teciteca.com.br)
-  [/Tecitecaudesc](https://www.facebook.com/Tecitecaudesc)
-  [tecitecaudesc@gmail.com](mailto:tecitecaudesc@gmail.com)



Biblioteca Central da Udesc – Av. Madre Benvenuta, 2007,  
Itacorubi, Florianópolis/SC



Lui Iarocheski já apresentou coleções em semanas de moda em São Paulo, Viena e Vancouver  
Foto: Divulgação

## Lui Iarocheski

Egresso formado pela Udesc destaca-se pela moda autoral e com propósito

Por Laís Campos Moser, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Formado em Moda pela Udesc em 2015, o paranaense Lui Iarocheski vem despontando no panorama nacional e internacional. Foi naquele mesmo ano que o designer de moda enviou sua coleção de formatura, desenvolvida na universidade, para o concurso *RG Designer Award*, sendo selecionado para apresentá-la em Viena, na Áustria, e levando para casa o prêmio de melhor coleção pelo voto popular. De lá para cá, só decolou.

Em seguida, foi convidado para desfilarm seu trabalho na Semana de Moda de Vancouver, no Canadá, evento que participou por duas vezes. Também já apresentou três coleções na Casa de Criadores, em 2016 e 2017 - evento que promove novos estilistas da moda brasileira e que já projetou nomes e marcas como Cavaleira e Ronaldo Fraga. Ainda na bagagem, Lui realizou residência artística no *MuseumsQuartier*, em Viena, e foi convidado para desfilarm a coleção primavera verão 2018 no *MQ Vienna Fashion Week*, a principal semana de moda austríaca.

Com ateliê em Florianópolis, sua marca (que leva seu sobrenome) se estabelece como autêntica e de vanguarda. Em entrevista à Revista Hallceart, o designer de moda fala sobre sua trajetória, processo criativo e como vê o futuro.



**1. Hallcart: Sua coleção de formatura para o OCTA Fashion [evento anual que apresenta os novos profissionais de Moda formados pela Udesc] foi inspirada na obra “Parangolés” do artista brasileiro Hélio Oiticica e te abriu portas para eventos internacionais. Quase quatro anos depois de formado, você tem uma marca própria e soma participações em importantes eventos da área. Hoje, o que você recomendaria para quem está cursando Moda?**

Lui Iarocheski: O que eu recomendaria é primeiro descobrir para qual área da moda você vai querer seguir – se criação, comunicação, pesquisa, enfim. É muito importante saber isso o quanto antes no curso para você colocar mais energia no seu objetivo (e também desenvolver portfolio!). Para qualquer área da vida é bom saber onde se quer chegar. Diferencie-se e colabore. Pense como você pode se destacar dos colegas como criador e também colabore com os projetos deles e de outras áreas. Você vai ser procurado por uma qualidade específica sua – seja como expert de um segmento ou por alguma habilidade técnica por exemplo.

Outra recomendação é aproveitar a universidade para desenvolver suas ideias de forma livre e com coragem. Deixe para se preocupar com sua imagem ou com quem vai comprar seu produto depois que você estiver no mercado de trabalho. Depois acabamos perdendo a inocência, ousadia e também a oportunidade de fazermos o que bem entendermos criativamente. Tire o máximo das suas ideias do papel. Sente numa máquina de costura ou faça o que for necessário para materializar a ideia. Depois fotografe e tenha isso como portfolio – você dará importância para isso quando for entrar no mercado de trabalho. Por último: networking! Vá a vários eventos e conheça muita gente diferente. O sucesso na indústria da moda se move muito pelas conexões humanas que fazemos no caminho.



Lui Iarocheski apresenta a coleção Chromofobia na 40ª edição da Casa de Criadores, em novembro de 2016. Foto: Luana Costa

**2. Durante a graduação você realizou intercâmbio na Universidade de Borås, na Suécia. O quanto essa experiência significou em sua trajetória?**

A minha experiência na Universidade de Borås foi fundamental para eu ampliar meu ponto de vista, conhecimento técnico e conceito sobre o que é moda. Diferente da Udesc – que possui o curso de moda dentro do campo do Design Industrial com uma grade curricular mais ampla – o curso de moda na Suécia possui seu ensino de moda aplicado ao campo das belas artes e com profundidade total na criação. Para eles é muito mais importante entender a moda como um laboratório de novas ideias, como um catalisador de novas expressões do que como um produto que deve atender um mercado/consumidor específico ou uma estética. Além de eu voltar do intercâmbio mais confiante e preparado para seguir com meu projeto de formatura aqui no Brasil, voltei também conhecendo-me muito mais como criador – uma vez que o curso em Borås é completamente independente e focado em desenvolver/aprimorar a identidade de cada acadêmico e não pasteurizá-la.



Desfile da IAROCESKI na Semana de Moda de Vancouver  
Foto: Rodolfo Magalhães

### 3. Como você define seu processo criativo?

Meu processo criativo está sempre evoluindo, mas ainda mantém uma linha experimental. Diferente dos designers mais tradicionais – que criam a partir de uma vasta pesquisa e colocam suas ideias no papel em forma de desenho – eu começo com a manipulação direta do objeto/tecido sobre o corpo. Eu nunca tenho um ponto de partida ou uma ideia que dá início à minha criação. As ideias surgem e vão se afinando na medida que vou experimentando, testando, registrando e pedindo feedback sobre meus experimentos. No final eu crio uma história para dar sentido a tudo.

Para mim, ao desenhar colocamos no papel ideias que não são espontâneas e que já estão de alguma forma digeridas na nossa mente. Ao ir direto para a experimentação – pra mão na massa – eu vou deixando o material, a forma, a cor, o espaço, o corpo dizerem para onde a criação deve ir. O resultado é sempre mais espontâneo, visceral e o processo se torna uma pesquisa artística contínua. Hoje em dia, como o foco da IAROCESKI é o atendimento do sob medida

no ateliê, o cliente se torna peça chave do processo criativo e conhecer ele, seus desejos, inseguranças e personalidade vira uma mola propulsora de ideias ainda mais interessantes.

### 4. Você afirma que “roupa tem que ter voz”. Questões sociais e sustentabilidade também são preocupações suas. De que forma isso se reflete em seu trabalho?

Já sabemos que nosso cliente vê a moda como um esforço intelectual e possui um senso desenvolvido dos problemas ambientais e sociais acerca desta indústria. Este é um dos motivos que essas questões sociais e de sustentabilidade são imperativas em nosso processo criativo. Somos uma marca que nasceu da repulsa por excessos e do desejo por qualidade – queremos que nossos produtos tenham uma vida longa com nossos clientes e comuniquem essa maneira diferente, mais autêntica e responsável de se viver. Assim, produzimos nossas roupas de forma responsável, consideramos a reputação, procedência e qualidade de nossos materiais e, pensamos na longevidade e no ciclo fechado dos nossos produtos.

Além disso, as peças IAROCESKI têm uma pegada provocativa ao mesmo tempo que são sensíveis aos tempos que vivemos. Abordar tópicos da sociedade contemporânea significa compreender a ideia de camadas – o que está embaixo da superfície. Sempre há uma camada que esconde algo a ser explorado e algo para nos surpreender.

### 5. Qual o diferencial de seu ateliê estar situado em Florianópolis e não no eixo Rio-São Paulo?

O fato de eu estar situado em Florianópolis me ajudou muito no começo, pois para o ecossistema de moda do eixo Rio-São Paulo eu era uma novidade. Eu trazia um olhar sobre a roupa diferente para eles, muitas vezes associado às temperaturas amenas do sul. Estando aqui minhas referências/influências acabam sendo outras também. Apesar da marca já transitar pelo mundo todo, nossa ideia é nunca tirá-la de Florianópolis, pois acreditamos no potencial de transformar a cidade em um polo de criação de moda autoral. Afinal, temos aqui a Udesc – melhor universidade de Moda do Brasil – e Santa Catarina já é um consagrado polo têxtil nacional.

### 6. Quais suas perspectivas para o futuro?

No tocante à moda acredito que ela não mudará muito como as pessoas imaginam. Mas, sinto que a moda estará “fora de moda”. Há uma grande reflexão dos designers de que não precisamos colocar mais produtos no mundo. Iremos cada vez mais pensar em criação e consumo de vestuário de forma coletiva, através de troca de roupa, guarda-roupas coletivos, cocriação, reformas, reutilização, reciclagem e várias outras formas de se reimaginar uma indústria tão tóxica. Veremos uma moda que falará muito mais

sobre “nós” do que sobre “eu” – o estilista ‘estrelista’ dará espaço para as comunidades de criação e as pessoas terão o poder e acesso de criação de suas próprias roupas com o auxílio da tecnologia. Caberá ao designer de moda pesquisar e propor novos processos de manufatura, novos tecidos e materiais, além de coletar os dados gerados pelos consumidores e compartilhar conhecimento técnico. ■



Uso do preto nas coleções é hoje uma das características de Lui  
Foto: Humberto Furtado



**Coleção YKUANÍ / GIOVANNA FRIAS DE CAMPOS / Observatório de Cultura e Tendências Antecipadas - OCTA Fashion 2018**

A coleção *Ykuaní* foi desenvolvida a partir de materiais, design têxtil e tingimentos 100% naturais, inspirada em elementos presentes nos rituais indígenas e na forma consciente com que as tribos se relacionam com a natureza. Foto: Pedro Bonacina





**Coleção LIN(H)A / MAIANA PERDOMO / Observatório de Cultura e Tendências Antecipadas - OCTA Fashion 2018**

A coleção *Lin(h)a* teve inspiração na relação entre as tecelãs da região do Triângulo Mineiro e a arquiteta Lina Bo Bardi. As peças são produzidas inteiramente em algodão fiado à mão, com tingimento natural. Foto: Pedro Bonacina



**Coleção REVELA[DOR] / BRUNA CRUZ / Observatório de Cultura e Tendências Antecipadas - OCTA Fashion 2018**

A coleção *revela[dor]* fala sobre deslocamentos afetivos. Traz a perda de si e os flagelos de relacionamentos aprisionadores. Das dores veladas que esses entrelaços afetivos escondem, surgem formas rígidas, tecidos pesados e texturas que pontuam tal trajetória. Foto: Pedro Bonacina



**Coleção MERGE / NATÁLIA DIAS / Observatório de Cultura e Tendências Antecipadas - OCTA Fashion 2018**

A coleção *Merge* foi inspirada em Asgardia - um projeto futurista de sociedade espacial pautada na igualdade e na pluralidade. A coleção reflete sobre a união de realidades distintas com um mesmo propósito: o anseio por uma vivência harmônica e pacífica. Foto: Pedro Bonacina

# Percepção Física através da Escuta do Corpo: Técnica Klauss Vianna

Por Valeria Fuser Bittar

O Programa de Extensão “Flauta Doce – performance e formação”, oferece semanalmente o curso *Percepção Física através da Escuta do Corpo – Técnica Klauss Vianna* aberto a toda comunidade.

A Técnica Klauss Vianna enfoca o *acordar do corpo* gerando sua flexibilização a partir da pesquisa do movimento de cada um. O núcleo da técnica proposta pelo bailarino brasileiro, coreógrafo e educador corporal Klauss Vianna é a *escuta do próprio corpo*. Ao longo do curso são enfocados diferentes itens corporais que se inter-relacionam: acordar do corpo: presença corporal; as nossas articulações; o peso do nosso corpo; os apoios do corpo; a resistência muscular; as oposições ósseas; o corpo integrado sob a força da gravidade: eixo global; as direções ósseas – os nossos oito vetores ósseos; o corpo sob a gravidade, no espaço, em relação ao outro: em movimento.

Proporciona a geração de autonomia do corpo, o que possibilita ao aluno a aplicação da técnica no dia a dia e também em áreas específicas, como por exemplo: dança, música, teatro, educação em geral e outras atividades profissionais, ou não.

A aplicação da Técnica Klauss Vianna na performance musical traz seu enfoque sobre o fazer musical, enquanto pré-atuação e atuação, a organização da linguagem musical no espaço e no tempo sobre o palco. Para tal direciona-se para a reflexão do “fazer musical”, da interpretação em música, como também para a prática que fundamenta o estudo técnico de um instrumento musical, oferecendo ao músico ferramentas que o auxiliam no momento da apresentação, subsídios direcionados à “presença cênica” do músico. Tais ferramentas têm suas bases no trabalho de percepção e sensibilização corpóreas.





Aula do curso “Percepção Física através da Escuta do Corpo - Técnica Klauss Vianna”, ministrado por Valéria Bittar na Udesc  
Foto: Rafael Moreira

Anualmente o Programa de Extensão “Flauta Doce – performance e formação” coordena na Udesc a Oficina de Técnica Klauss Vianna com a bailarina, coreógrafa e educadora somática, Profa. Dra. Jussara Miller, autora dos livros: *A Escuta do Corpo – Sistematização da Técnica Klauss Vianna* (Summus, 2007) e *Qual é o corpo que dança – dança e educação somática para adultos e crianças* (Summus, 2012). Jussara Miller é bailarina, coreógrafa e professora do Salão do Movimento, em Campinas, e da Pós-Graduação na Técnica Klauss Vianna, na PUC-SP.

### Um pouco sobre Klauss Vianna

(Texto fornecido por Jussara Miller)

A trajetória da família Vianna, desde Minas Gerais, passando pela Bahia, pelo Rio de Janeiro e por São Paulo, contribui para o resgate da história da dança no Brasil

A pesquisa de Klauss Vianna (1928-1992) começou na década de 1940. Klauss Vianna baseou-se na relação das direções ósseas do balé clássico, com as direções das linhas sugeridas nas obras de diversos artistas plásticos. Esta observação o fez buscar estudos anatômicos e cinesiológicos, experimentando uma nova forma de ensinar a dança.

Seus ensinamentos foram postos em prática inicialmente em Belo Horizonte, sua terra natal, onde fundou o Balé Klauss Vianna (hoje dá nome a um teatro); em 1962 na Bahia, na Escola de Dança da Universidade Federal - UFBA; em 1964 no Rio de Janeiro, onde trabalhou na Escola Municipal de Bailados, ao mesmo tempo em que desenvolveu um intenso trabalho com atores, o que lhe rendeu, em 1977, o 1º Prêmio Molière cedido a um preparador corporal em teatro, inédito à categoria até então.

Ainda no Rio de Janeiro, dirigiu a Escola Oficial de Teatro Martins Pena e o Instituto Estadual das Escolas de Artes. Em 1981 fixou-se em São Paulo, onde foi diretor da Escola Municipal de Bailados e do Balé da Cidade de São Paulo. No dia 12 de abril de 1992, Klauss Vianna faleceu em São Paulo, deixando muitas marcas pelo Brasil. Propôs mudanças no contexto da dança, sempre experimentando novas ideias, estimulando, com sua própria inquietação, todos que com ele conviveram. Foi um grande semeador no campo das artes cênicas e nas artes em geral. ■

Valeria Bittar é flautista, professora no Departamento de Música e ministra na Udesc o curso de Percepção Física através da Escuta do Corpo – Técnica Klauss Vianna. É formada em didática desta técnica no Salão do Movimento, Campinas, SP. Propõe em sua tese de doutorado um diálogo com a dança contemporânea e a educação somática, em específico com a Técnica Klauss Vianna.



Foto: Linda Inês Pereira Lima

# Práticas Musicais Coletivas

Por Cristina Emboaba e Valéria Fuser Bittar

Na disciplina de Práticas Musicais Coletivas do Departamento de Música da Udesc, dirigida ao curso de Licenciatura em Música, entendemos dois momentos de iniciativas diferentes e que, ao mesmo tempo, se complementam. Um primeiro momento que levará em consideração a pesquisa de repertório musical seguindo determinada temática e determinado conceito que direcionarão os contornos e o momento da performance musical coletiva. Traçados a temática e o conceito que embasarão a escolha do repertório musical, caminhamos em direção à cada música,

a cada obra escolhida que deverá, por fim, ser apresentada publicamente, num “mini-espetáculo musical”. Nesta extensa fase de trabalho é desenvolvido um conteúdo relacionado aos procedimentos técnicos de composição: Transcrição, Arranjo e Composição autoral. Promover a experiência poética é fundamental para a compreensão e interpretação das obras musicais, permitindo ao discente relacionar os conteúdos das disciplinas teóricas (Teoria Musical, Harmonia, Contraponto, Análise e História) com a prática musical vocal/instrumental.

A transcrição de uma obra existente para o grupo de discentes formado na disciplina consiste em transportar, de forma fidedigna, essa obra para uma outra formação instrumental ou vocal, onde regras rígidas norteiam a preservação da escritura musical (altura, duração e agógica).

No arranjo temos uma maior liberdade de invenção, onde o discente escolhe um tema e pode inserir pequenas modificações melódicas e/ou rítmicas, mas sem alterar sua integridade; é possível também transformar a harmonia original utilizando acordes substitutos ou até mesmo alterando o ritmo harmônico. Nesse procedimento permite-se inventar novas melodias que dialogam com o tema escolhido, criar novas texturas e cores na instrumentação distanciando-se da versão original.

A composição original, ou autoral, parte da folha em branco, onde o discente é responsável pela composição total da música, bem como a escolha do texto quando utilizado. Geralmente trabalhada no segundo semestre de cada ano, a composição musical tem como pré-requisitos a compreensão dos procedimentos anteriormente citados. O discente tem apenas como ponto de partida o grupo instrumental/vocal formado na disciplina para o qual ele escreverá, podendo transitar entre os variados universos e sistemas musicais (modal, tonal, atonal, serial, etc).

Todos esses procedimentos e exercícios de composição são posteriormente performados e interpretados pelo grupo de alunos da disciplina, e cada exercício ou obra resultante são apreciados, corrigidos e apresentados. Na fase da montagem musical da obra, ou performance, o grupo de discentes aprende a organizar o ensaio desenvolvendo

estratégias pedagógicas para resolver as dificuldades técnicas encontradas e priorizar a leitura e compreensão da peça trabalhada.

A disciplina é dada com duas estratégias distintas: a prática e a performance musical em aula constroem o arranjo ou a composição, desenvolvendo a estesia musical (percepção), a improvisação e a sincronicidade do grupo, para posteriormente registrar-se a obra arranjada e/ou composta.

Como dissemos acima, as primeiras aulas do semestre são tomadas pela escolha temática e conceitual de um programa, seguida da investigação de temas musicais ou canções, originados nos mais variados universos musicais: do cancionero anônimo e secular, dos saberes tradicionais, do cancionero popular autoral, da música de concerto dos diversos períodos históricos, previstos na ementa e bibliografia da disciplina.

Essa disciplina permite uma interação entre as disciplinas de práticas instrumentais com as disciplinas teóricas e incentivam a poética musical através dos procedimentos de artesanía usados no estudo para a composição, possibilitando aos alunos experimentar as várias etapas que compõem o fazer musical: invenção - estesia - interpretação. As habilidades adquiridas pelos alunos neste processo colaboram para a elaboração de repertório para alguns grupos de extensão, tais como: Aulos - Núcleo de Flautas Doce da Udesc, Madrigal Udesc e Big Band Udesc, completando um ciclo de cooperação e interdisciplinaridade. ■

.....

Cristina Emboaba e Valeria Fuser Bittar são professoras do Departamento de Música da Udesc e ministram as disciplinas de Práticas Musicais Coletivas do curso de Licenciatura em Música.

.....



Os encontros do Prelúdio abordam temas da prova específica do vestibular de Música da Udesc. Matheus Ferreira, em pé, expõe a matéria de teoria musical. Foto: Rafael Moreira

## Prelúdio

### A história do primeiro pré-vestibular de Música gratuito da região

Por Rafael Prudencio Moreira, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

O pré-vestibular Prelúdio é uma iniciativa voluntária do Movimento Estudantil de Música (Memu) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) para a comunidade. Os cursos de Música e Teatro da instituição são os únicos que contam com prova de habilidade específica no vestibular. E considerando as poucas iniciativas gratuitas que existem para preparar a população, o projeto é uma forma de colaborar para a democratização do acesso ao ensino superior de Música.

O projeto em 2018 completa a sua 3ª edição com mais de 71 pessoas envolvidas, entre alunos do pré-vestibular e estudantes do curso de Música, que ministram as aulas e monitorias. As inscrições são gratuitas, via internet, geralmente no mês de julho e os encontros acontecem à noite uma vez por semana. A escolha dos selecionados leva em consideração o cadastro sócioeconômico, quesito instaurado neste ano. Os professores e monitores são estudantes de música, inclusive alguns já estiveram sentados ali como aprendizes do Prelúdio.



Além disso, as aulas são transmitidas ao vivo via Facebook, e todo o material disponibilizado é gratuito. Os conteúdos ensinados em sala de aula estão no edital do vestibular, que aborda teoria e percepção musical. O projeto que começou aos poucos possui hoje documentos oficiais e uma divulgação ampla em canais de comunicação institucionais da Udesc e na imprensa local.

“Bem, a ideia surgiu em uma reunião do Memu [Movimento Estudantil da Música]”, diz Vinicius Manhães, professor do curso pré-vestibular de música Prelúdio. Ele conta que a primeira edição ocorreu no fim do segundo semestre de 2016, quando os estudantes organizaram quatro aulas abertas e gratuitas tirando as dúvidas mais frequentes sobre a prova específica de teoria e percepção musical.

No início, o cursinho não possuía nem nome. A divulgação se resumia a um post na página pessoal de Vinicius, em uma rede social, com o título “Pré-vestibular de música de graça!!!”. A proposta era fazer algo para ajudar a população na absorção do conhecimento específico que exige a prova. A postagem engajou 11 compartilhamentos e 12 comentários. Gabriela Dequech participou daquela edição e conta que ficou sabendo da iniciativa através de um amigo que havia a marcado na publicação. Ela lembra de ter entre 8 e 10 colegas durante os quatro encontros na sala 16 do Departamento de Música da Udesc. Grande parte da estrutura seria organizada em 2017 juntamente de Gabriela, que passaria para licenciatura em Música “graças ao Prelúdio”, ela completa. Formada em Jornalismo, utilizou deste conhecimento para no ano seguinte criar canais de comunicação em redes sociais e auxiliar na divulgação para a imprensa local.

## O projeto toma forma

Em 2017, com o pré-vestibular ainda sem nome, Luigi Gomes Brandão, estudante do bacharelado em violão, sugeriu em uma reunião do Movimento Estudantil “e por que não... Prelúdio?”, o grupo adorou a ideia. O significado da palavra remete à primeira parte de um concerto. Assim o objetivo do projeto tinha uma mensagem bem nítida: um cursinho pré-vestibular gratuito de música, que de certa forma é apenas o começo para o desenvolvimento musical dos participantes.

Sem bolsas nem incentivos financeiros o projeto é totalmente voluntário. Todos os seus integrantes doam o seu tempo e trabalho, em meio às correrias do semestre, para dedicar-se ao Prelúdio. Vinicius, além de um dos principais mobilizadores do projeto, divide seu tempo entre ser professor contratado no Centro de Educação e Evangelização Popular (CEDEP) no bairro Monte Cristo, estudante de licenciatura em Música na Udesc e bolsista da orquestra de Jazz da Udesc (Big Band Udesc).

Em 2018, o grupo começou a vender camisetas para colaborar com o caixa do projeto. Organizado pelo Memu, o projeto é quase tão novo quanto o Movimento Estudantil de Música. Vinicius Manhães conta que antes de 2015 as formandas Gabriela Mitozo e Ana Claudia Dal Zot, hoje bacharélas em piano, convocaram os calouros para dar continuidade ao movimento. Em 2015, com os eventos políticos pós-eleições em debate em todo o país, os eventos do Memu lotavam o auditório na época. A partir desta mobilização, através de reuniões, é que o cursinho começou a ser desenhado. Ideias, que viraram trabalho, que se tornaram o Prelúdio, o qual aprovou nove pessoas no



Partituras, métodos, videoaulas, grupos de discussão e provas antigas constam no material disponibilizado pelos organizadores do curso pré-vestibular gratuito de música. Foto: Rafael Moreira

vestibular de verão 2018 da Udesc. Entre elas está Júlia Darela: “Eu já planejava isso. Já que eu sou professora de música há cinco anos, a minha ideia de entrar na universidade é trabalhar com educação musical”.

Foi a Lei Federal nº 11.769 de 2008, com o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que tornou a Música conteúdo obrigatório no ensino básico brasileiro, o qual anteriormente era facultativo. Júlia trabalha em uma escola privada da capital. Ao ser perguntada sobre como é tratado o ensino de Música pela instituição, ela diz que recebe apoio e abertura. Entretanto, afirma que é preciso manter as regulamentações já existentes, pois “[sem elas], num cenário de crise econômica, a tendência é cortar tudo aquilo que não é obrigatório”.

Júlia é também monitora do Prelúdio. Nas monitorias individuais os alunos recebem orientações de graduandos do curso de Música. Online, o estudante tem acesso ao material trabalhado em sala, além de grupos de discussão e de trocas. No site *Songster* são postadas videoaulas e resumos do material feito muitas vezes no final de semana pelos professores do pré-vestibular. Matheus Ferreira, estudante de licenciatura em Música é, em 2018, o professor de teoria musical. Ele é um integrante que literalmente veste a camisa. Durante a semana e fins de semana, seja na universidade, no bar ou na rua, é bem provável encontrá-lo vestido com uma camiseta branca, de estampa amarela riscada em letras cursivas no peito “Prelúdio - pré-vestibular gratuito de música”. Ele reforça que a iniciativa é 100% estudantil, mas que conta com o apoio do Departamento de Música e de professores da universidade, principalmente para a utilização do espaço nas aulas presenciais e para tirar dúvidas durante o semestre.

## O trabalho e seus resultados

Entre os voluntários do projeto está também um estudante de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Thiago Guedes. O pianista ficou sabendo da possibilidade de ser voluntário através de uma chamada no Facebook e resolveu ajudar. “Eu não queria dar aula, não queria me responsabilizar com nada que demandasse muito tempo por fora. E aí eu tinha uma câmera lá em casa e um gravador. Propus para eles então gravar as videoaulas”, diz Thiago. Ainda que o projeto aceite voluntários de fora da universidade, ele, até então, é o único apoiador que não é acadêmico do curso de Música da Udesc.

“A gente que está aqui dentro desta instituição 100% pública, gratuita, de qualidade, tem uma obrigação de oferecer isso. E mostrar para a sociedade que isso é uma coisa que faz falta. A gente está fazendo porque não tem, mas poderiam existir outras experiências”, diz Gabriela Dequech. Segundo um levantamento feito pelos organizadores do projeto em 2018, foram 79 inscrições para participar do cursinho. Dos 30 estudantes no ano anterior, nove deles passaram para o curso de graduação. São cerca de 20% dos 46 calouros em 2018.

Dierre Pichorz tem 30 anos, é estudante do Prelúdio em 2018, e possui um pequeno estúdio na Palhoça. Conta que para fechar os gastos no fim do mês precisa fazer alguns *freelas*. Pretende se formar em licenciatura para dar aulas nos horários que os estúdios não estão sendo utilizados. “O Prelúdio é isso. Você está permitindo às pessoas terem acesso a conhecimentos específicos através de uma galera que tá dentro da universidade, que sabe como funciona o vestibular. E é gratuito! Isso é sensacional. Essa é a função da universidade”,

conclui. Os organizadores já pensaram em transformar a iniciativa em uma Empresa Júnior, mas as preocupações em manter o cursinho 100% gratuito os fizeram ter algumas ressalvas. Os integrantes conversam sobre transformá-lo em um projeto de extensão da universidade. Algo para eternizar esta iniciativa, mesmo quando a primeira turma de pessoas que foram estudantes do Prelúdio venha a se formar em 2021. ■



O grupo faz *lives* via Facebook, que são acompanhadas por monitores em sala. Este processo ainda está em fase de testes, a intenção é promover e alcançar o maior número de pessoas. Foto: Rafael Moreira

## Saiba mais

f /preludiomemu

@memu.udesc

memu.udesc@gmail.com



Departamento de Música da Udesc, Av. Me. Benvenuta, 1907 - Itacorubi, Florianópolis/SC



**Orquestra Acadêmica Udesc em apresentação com o espetáculo Auto da Compadecida**

Foto: Mariana Smania





**Série Musical “Piano em Foco” durante a IV Semana Integrada do Ceart**

Samuel Machado dos Santos (piano) e Cristian Gonçalves (barítono). Foto: Rafael Moreira



**Marília Carvalho, mestre em Música pela Udesc, em apresentação do Núcleo de Flautas Doce - Música Antiga e Contemporânea. Foto: Carmina Reñones**



**Antônio Boabaid em apresentação no evento Ceart Aberto à Comunidade**

Foto: Wagner Locks



Espectáculo "A Tecelã" (2011)  
Direção de Paulo Balardim  
Atuação de Carolina Garcia  
Foto: Cláudio Etges

# Desafios da Formação em Teatro de Animação Contemporâneo

Por Paulo Balardim

Uma das questões que tem sido constante nos encontros sobre formação profissional em Teatro de Animação orbita sobre a pedagogia e a metodologia do ensino de uma arte que tem sofrido constantes e profundas mudanças. Como aponta Henryk Jurkowski (2008), essas "metamorfoses", principalmente a partir de 1950, salientam sua "heterogeneidade", resultando em uma "contaminação" por outros meios expressivos que faz refletir sobre a determinação de suas características e mesmo a sua definição.

A busca do teatro por suas especificidades, sua "teatralidade", foi marca do teatro ocidental no decorrer de todo século XX, o qual lutou por reconhecer-se como autônoma e não submissa



ao texto dramático. Essa característica, impulsionada por estudos teóricos e ensaios literários, tal como o enigmático texto de Heinrich Von Kleist, *Sobre o teatro de marionetes* (1810), o qual destacava elementos desta linguagem como “reflexão de uma estética teatral e reflexão sobre a natureza da representação”(GAUDIN,

2007, p. 11), bem como pelos experimentos dos artistas do final do século XIX, dentre os quais Alfred Jarry, que em 1888 escandalizava com seu excêntrico *Ubu Rei*, apresentando possibilidades de desumanização dos atores por meio de figurinos que os aproximavam fisicamente aos bonecos (BAIRD, 1967, p. 185), seduziram artistas e intelectuais.

Teóricos e artistas, entre eles dadaístas, futuristas e surrealistas, buscaram referência no teatro de bonecos tradicional ou na representação do homem em efigies e imagens antigas para desenvolverem seus projetos artísticos e criarem novas referências para o trabalho do ator: Craig, Appia, Lorca, Maeterlink, Paul Klee e Schlemmer, para citar alguns nomes da vanguarda do século XX.

Como reflexo dessa inquietação, o panorama teatral contemporâneo nos apresenta uma diversidade de propostas de conteúdo e de forma tanto quanto de processos de escritura dramática e cênica. O desenvolvimento tecnológico também colaborou com as transformações no domínio do teatro, seja tanto pelo uso de novos materiais quanto pelo uso de dispositivos e recursos disponíveis atualmente, aumentando a possibilidade de realização de espaços imaginários e de criação de tramas complexas que imbricam todos os elementos constituintes da cena. Se pensarmos em alguns dos espetáculos de Robert Lepage, Bob Wilson, Julie Taymor, Royal de Luxe e Modern Hotel, por exemplo, veremos espetáculos nos quais se manifestam o que Chantal Hébert e Irène Perelli-Contos denominam “representação de um novo paradigma do pensamento: o pensamento complexo”, nos fazendo penetrar numa multiplicidade de jogos cênicos, polimorfismo e polissemantismo (HÉBERT; PERELLI-CONTOS, 2001).



Espectáculo “Habite-me” (2018). Direção de Paulo Balardim  
Atuação de Carolina Garcia. Foto: Paulo Balardim

O que entendemos hoje por “Teatro de Animação” ou “Teatro de Formas Animadas”, constitui uma terminologia que podemos considerar “recente” no Brasil – consolidando-se principalmente no decorrer dos anos 1990, e provém da incapacidade da terminologia “Teatro de Bonecos” dar conta das inúmeras modalidades compreendidas e identificadas nessa linguagem artística. Dada a hibridação e supressão dos contornos que a delimitam, muitas vezes torna-se difícil mesmo identificar o Teatro de Animação como uma linguagem única num espetáculo, pois seguidamente mescla-se à dança, artes visuais, circo e audiovisual, entre outras formas.

### Udesc como polo de formação e investigação

A Udesc é uma Universidade de referência para aqueles interessados em pesquisar sobre a animação, pois já em 1987, com a disciplina *Laboratório de Pesquisa Dramática*, ministrada pelo professor Valmor Nini Beltrame, sensibilizava-se com o ensino dos recursos dessa arte, abrindo possibilidades de experimentação e inclusão de novas formas de expressão cênica.

Atualmente, além das disciplinas e seminários temáticos do Programa de Pós-Graduação em Teatro que dialogam com o Teatro de Animação, temos as disciplinas práticas oferecidas no curso de graduação em Licenciatura em Teatro, que são três: *Teatro de Máscaras*, *Teatro de Bonecos* e *Teatro de Sombras*.

Cada uma dessas disciplinas introduz o acadêmico num determinado âmbito de experiência das formas animadas, habilitando-o a transitar com desenvoltura e manusear os códigos teatrais como artistas e professores.

Nas máscaras, o acadêmico confronta-se com a percepção, a propriocepção e o controle de seu corpo como material signifiante da cena, valendo-se do recurso de acoplagem de objetos/máscaras ao seu rosto tanto para proceder a uma nova dimensão do espaço, do tempo e do movimento na cena quanto para vivenciar outras personas.

Com os bonecos, gradativamente, o foco de estudo projeta-se no desdobramento do ator em formas tridimensionais que simulam autonomia. Nessa disciplina, concomitante ao estudo técnico de práticas de confecção e manipulação dos objetos animados, o acadêmico é convidado a conhecer e pensar processos criativos nos quais esses seres ficcionados colaborem para a escrita cênica, de forma a potencializar ideias, sentimentos e metáforas.

Finalmente, com o Teatro de Sombras, o ator participa de uma nova apreensão do espaço cênico, de seu corpo e de sua atuação: sua projeção agora deverá atuar simultaneamente no objeto/silhueta que manipula e no duplo bidimensional deste objeto. O duo luz/sombra e seus modos de povoar a cena com imagens impalpáveis e efêmeras como material dramático é eixo desta disciplina.

É importante salientar que a Udesc foi a segunda Universidade brasileira dedicada ao ensino do Teatro de Animação dentro de curso superior de Teatro e, ainda hoje, é a única Universidade na qual se ensina Teatro de Sombras como disciplina obrigatória. Este fato é índice de uma predisposição para o ensino e práticas voltadas à investigação das formas animadas e uma atitude que a distingue de outras Universidades do país. Também é importante salientar as inúmeras publicações geradas na Universidade, frutos das pesquisas e Programa de Extensão que tem como



Espectáculo "Prólogo Primeiro" (2016). Direção de Paulo Balardim  
Atuação de Renato Turnes. Foto: Gisele Knutez

eixo o Teatro de Animação. Dentre elas, destaca-se a *Móin-Móin*<sup>1</sup> revista especializada e monotemática que é editada desde 2005 em parceria com instituições nacionais e internacionais e que tem como compromisso a formação profissional e artística.

Uma das positivas ações advindas das constantes parcerias será o 3º *Encontro Internacional sobre Formação em Teatro de Animação*, de 15 a 20 de maio de 2019, na Udesc, em Florianópolis, que terá como tema a *Encenação e diversidade de processos de criação teatral no Teatro de Animação contemporâneo*.

Este encontro, que será organizado pelo Programa de Extensão Formação Profissional no Teatro Catarinense/ Udesc em parceria com a Comissão de Formação Profissional da UNIMA – *Union Internationale de la Marionnette*<sup>2</sup>, refletirá sobre diferentes aspectos da atual noção de Encenação.

Com a participação de artistas, pesquisadores e estudantes de teatro internacionais, discutiremos importantes tópicos, tais como a definição e as funções do encenador contemporâneo e as pedagogias e metodologias atuais da formação do encenador frente à diversidade de formas dramáticas e processos criativos. Seguindo esses objetivos, o encontro será permeado por ateliers práticos, apresentações de processos em andamento e conferências. ■

<sup>1</sup> Todas as edições da Revista Móin-Móin estão acessíveis online e gratuitamente, no Portal de Periódicos da Udesc: <http://revistas.udesc.br/index.php/moin>

<sup>2</sup> Organização internacional não governamental presente em mais de 90 países, congregando praticantes e pesquisadores desta arte e beneficiária de um status consultivo na Unesco.

## Referências

- BAIRD, Bil. *L'art des marionnettes*. Paris: Hachette, 1967.
- GAUDIN, Claude. *La marionnette et son théâtre, le théâtre de Kleist et sa postérité*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2007.
- HÉBERT, Chantal; PERELLI-CONTOS, Irène. *La face cachée du théâtre de l'image*. Paris: L'Harmattan, 2001.
- JURKOWSKI, Henryk. *Métamorphoses, la marionnette au XXe siècle*. Montpellier: L'Entretemps, 2008.

Doutor em teatro e professor de Teatro de Animação na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) desde 2010, atuante na graduação e pós-graduação, desenvolvendo projetos de pesquisa e extensão. Também é ator, cenógrafo e diretor teatral. paulobalardim@gmail.com



Espectáculo Preta-à-Porter, do Coletivo Nega, no palco giratório do Sesc em 2018. Da esquerda para a direita: Rita Roldan, Michele Mafra, Franco, Sarah Motta e Thuanny Paes. Por trás dos palcos: Alexandra G. de Melo  
Foto: Cristiano Prim

## Coletivo NEGA

Na Udesc, grupo de Teatro ultrapassa os muros da universidade através da arte

Por Rafael Prudencio Moreira, do Núcleo de Comunicação do Ceart

O Negras Experimentações Grupo de Artes (NEGA), enquanto projeto de extensão, mantém atividades de formação artística e cultural, produção de obras cênicas e apresentações na comunidade. O grupo foi formado na mesma época de implementação do sistema de cotas na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), em 2011. Conforme a coordenadoria de assuntos estudantis, 10% das vagas do vestibular são destinados para candidatos negros. Em 2017, dos 14 mil alunos de graduação matriculados na Udesc, 447 eram cotistas raciais.

O NEGA, estabelecido formalmente no Centro de Artes (Ceart), está presente em teatros, escolas públicas e comunidades com diversas atividades artísticas e culturais. Uma delas é o espetáculo Preta-à-Porter, criado por Fernanda Rachel e desenvolvido coletivamente pelo grupo, que também gere os projetos “Mulheres Negras Resistem” e “Afroarte SC”. Ambos são criações de Thuanny Paes, na época estudante, e agora formada em Teatro pela Udesc. Esta é a cara do coletivo, mulheres negras que criam e desenvolvem projetos de forma independente.



Dentro da universidade, também são desenvolvidas atividades com o objetivo de ampliar a produção cultural negra em Santa Catarina e aumentar a presença de pessoas negras no cotidiano universitário. “Fazer essas ações, que proporcionam às pessoas da comunidade adentrar neste espaço, serve também para a gente se conhecer. Nós não ocupávamos este espaço, principalmente, antes das políticas de ações afirmativas”, diz Michele Mafra, estudante de Arquitetura na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e integrante do coletivo NEGA.

Em 2015, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dentre os jovens negros do país, 12,8% estavam no ensino superior naquele ano. O percentual em 2005, um ano após o início da política nacional de cotas, era de 5,5%. Rita Roldan, integrante do grupo NEGA, explica que a baixa presença dos estudantes negros nas universidades é um fator social e cultural: “Essas pessoas que vêm [fazer uma oficina do NEGA] são pessoas que pagam a estrutura deste lugar e culturalmente não estão aqui. E é super importante elas ocuparem e se apropriarem disso, que é delas”. Além disso, como estudante de Teatro, Rita vê que isso tem um valor muito performático onde há uma quebra no padrão da universidade.

Entre as atividades do Negras Experimentações Grupo de Artes (NEGA) dentro da universidade está a criação de oficinas de artes cênicas e dança afro.

Os encontros são gratuitos e são realizados no Centro de Artes da Udesc. “Por ser uma questão de oportunidade para essas pessoas que estão sempre à margem da sociedade, a gente dá preferência para mulheres negras, e em seguida para homens negros”, complementa Michele Mafra.

Em 2018 uma reforma do currículo no curso de Teatro adicionou o tema à grade curricular. Alexandra de Melo, estudante de Teatro na Udesc, conta um pouco sobre a importância da inserção de disciplinas que abordam o Teatro Negro: “[é] para que as pessoas consigam ter uma perspectiva mais abrangente do que é Teatro. Do que é Arte e do que é uma expressão corporal. Que não é apenas expressão corporal branca”.

Rita Roldan está desde o início do projeto e conta que em 2010 a professora Fátima Costa de Lima “queria que tivesse um grupo de teatro de pessoas negras na universidade. Porque, por mais que os outros grupos não se denominem ‘grupo de teatro branco’, na neutralidade eles se tornam brancos”. Neste contexto, pessoas interessadas se juntaram para fazer produções teatrais e rodas de formação sobre o Teatro Negro. “O grupo sempre foi majoritariamente formado por mulheres negras”, destaca Michele Mafra. Em 2015 a equipe contava com seis mulheres e um homem, entretanto, atualmente 100% das suas integrantes são mulheres.



O Negras Experimentações Grupo de Artes é o único grupo atuante de Teatro Negro de Santa Catarina. Foto: Cristiano Prim



O espetáculo se divide entre partes mais leves e partes mais densas, efeito chamado de “o beijo e o tapa”. Foto: Cristiano Prim

### Preta-à-Porter

A peça Preta-à-Porter, criada em 2012, foi um marco para o desenvolvimento do NEGA. Ela é uma performance que se modifica constantemente de acordo com as demandas poéticas e políticas de cada artista. Entretanto, uma coisa não muda, ela é uma crítica à sociedade branca, que parte de histórias e conflitos da vida cotidiana da população negra, principalmente da mulher negra. “Somos atrizes, estamos fazendo Teatro, porém a representação vem de uma forma que esteticamente as pessoas absorvem como arte, mas ela tem muito da nossa vida ali dentro. Então, como atriz, acontece uma confusão do quanto atuamos e do quanto somos nós mesmas.”

A sequência de cenas do espetáculo dá o efeito de “o beijo e o tapa”, analogia para cenas leves intercaladas com cenas densas. A proposta é colocar o público em algum lugar entre alguém que já praticou ou que recebeu o racismo, para aproximá-lo dessa realidade. “A gente não reproduz o racismo, a gente vive ele”, conclui Michele Mafra.

Em 2014, com a apresentação do espetáculo no palco do Sesc, em Florianópolis, o grupo despontou. Com as agendas lotadas, sobrava pouco tempo para a criação de algo novo. Assim, foram criados alguns critérios para ter tempo de continuar as demais atividades. Foi neste momento que o coletivo priorizou apresentações em instituições de ensino públicas e em comunidades quilombolas. Em 2017, o grupo realizou mais de 30 apresentações em ruas, escolas, faculdades, teatros, tendas e quilombos. Entre outras atividades também estão leituras dramáticas, a performance de rua “O Meu Cabelo Não Nega” e a criação de uma disciplina sobre Teatro Negro. O ano foi cheio para o coletivo, que no segundo semestre, iniciou o projeto “Mulheres Negras Resistem”.



Surgindo em 2011 na Udesc, o grupo luta por uma melhor representatividade da população negra no Teatro  
Foto: Cristiano Prim

Foi também em 2017, que o grupo ganhou o edital Elizabete Anderle de Estímulo à Cultura com o projeto “Afroarte SC – Viajando com arte negra nas escolas catarinenses”. As atividades são feitas no final de semana, abertas à comunidade e se dividem em duas partes: apresentação da performance Preta-à-Porter, e oficinas de teatro, percussão e formação.

O crescimento proporcionado pelo Preta-à Porter possibilitou espetáculos e outras atividades de extensão dentro e fora do país. No Brasil, o grupo fez apresentações no Rio de Janeiro, Brasília e em inúmeras cidades de Santa Catarina. Fora do país, o coletivo viajou para o Peru e se apresentou na Colômbia através de um edital do Fundo de Mulheres do Sul em 2018. O fundo é uma organização com sede na Argentina, que procura ajudar a implementação da Agenda 2030 da ONU. Agenda esta que, entre outros pontos, visa iniciativas que colaboram para um mundo com igualdade de gênero.

O palco para a primeira apresentação internacional foi a cidade de Quibdó, na Colômbia. Ela é composta em sua maioria por pessoas negras, e como afirma Michele Mafra, “é muito difícil de ver uma pessoa branca lá, porém as pessoas brancas são as donas de comércio e tem envolvimento com a política. São elas que detêm dinheiro”. Sobre a experiência na cidade colombiana, Franco, estudante de Teatro e integrante do NEGA, completa: “Foi muito importante nos apresentarmos lá e levarmos a nossa cultura brasileira para eles. Tanto a nossa musicalidade, a nossa cultura, quanto a nossa vivência como mulher negra aqui no Brasil.” ■

## Saiba mais

f [fb.com/coletivonega](https://www.facebook.com/coletivonega)

@coletivonega

✉ [coletivonega@gmail.com](mailto:coletivonega@gmail.com)

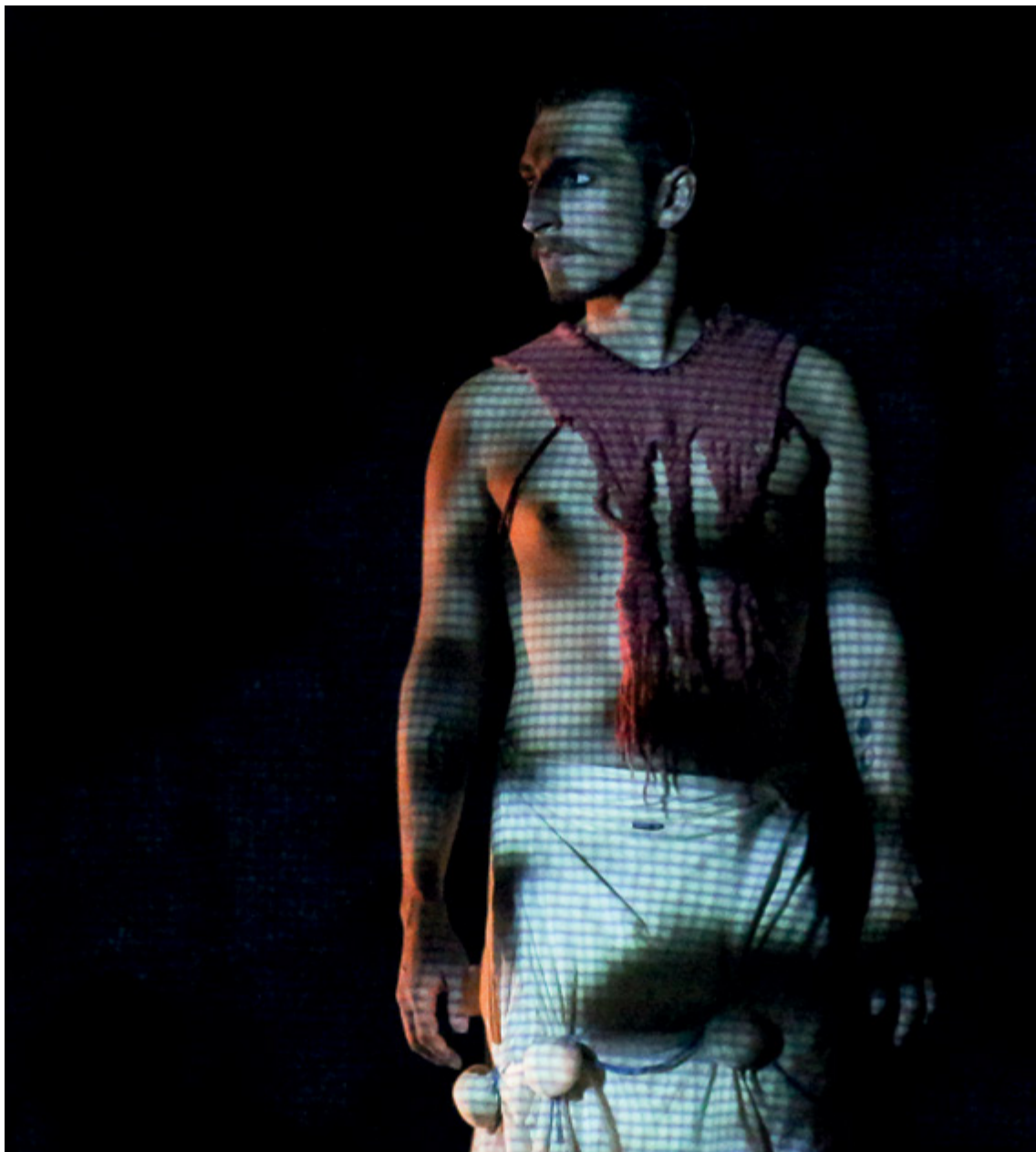
Departamento de Teatro da Udesc, Av. Me. Benvenuta, 1907 - Itacorubi, Florianópolis/SC



**Coro dos Maus Alunos. Espetáculo produzido nas disciplinas de Montagem Teatral da Udesc em 2018**

Foto: Jerusa Mary





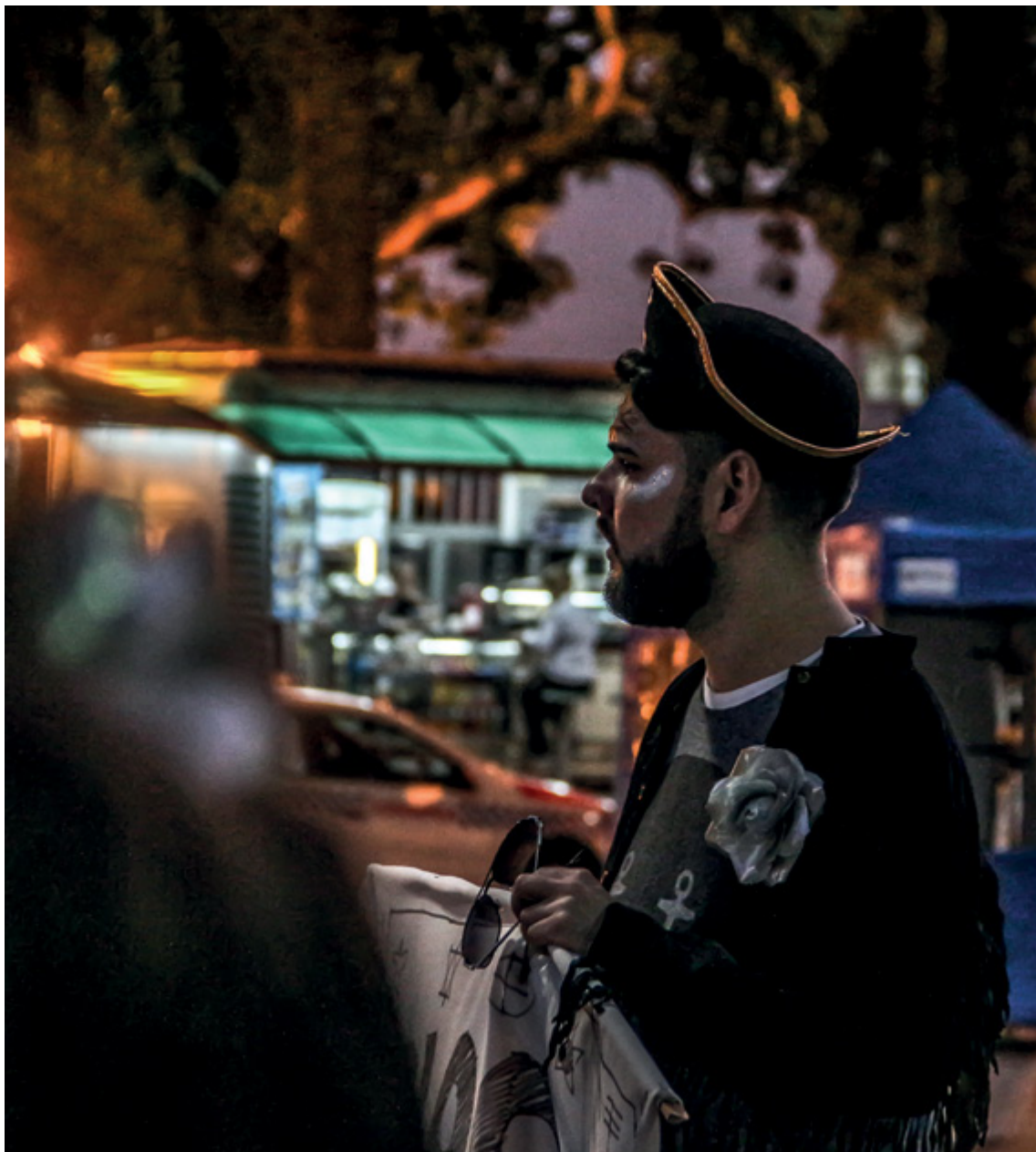
**A Sagração da Primavera. Espetáculo produzido nas disciplinas de Montagem Teatral da Udesc em 2018**

Foto: Jerusa Mary



Auto da Compadecida. Espetáculo produzido nas disciplinas de Montagem Teatral da Udesc em 2017

Foto: Mariana Smania



**Carnaval da Tristeza. Espetáculo produzido nas disciplinas de Montagem Teatral da Udesc em 2017**

Foto: Jerusa Mary





Entre as ações do Programa Ecomoda estão oficinas na área de moda para mulheres em situação de privação de liberdade. Foto: Ecomoda/Divulgação

## A arte como forma de vida e liberdade

Conheça os projetos de extensão da Udesc Ceart que estão modificando a vida de pessoas em situação prisional em Florianópolis

Por Linda Inês Pereira Lima, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Colaboração de Wagner Locks

Como ser livre quando nada a sua volta te impele a isso? Como conseguir sobreviver quando o mundo inteiro não te dá oportunidades? Esses são alguns dos fantasmas que rondam as mulheres que estão na penitenciária feminina de Florianópolis. Lidando com a rejeição, elas precisam encontrar uma maneira de se reerguerem.

Para contribuir com essas e outras questões, o professor do Departamento de Artes Cênicas (DAC) Vicente Concilio e a professora do Departamento de Moda (DMO) Neide Schulte, da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), desenvolvem ações para dar uma oportunidade às reeducandas. Ambos os professores coordenam programas de extensão distintos no Centro de Artes (Ceart) da Udesc e trabalham em busca de promover uma reeducação verdadeira.

Com 12 anos de existência, o programa de extensão Ecomoda, coordenado por Neide Schulte, realiza atividades que visam a sustentabilidade no contexto da moda a partir da produção e do consumo com responsabilidade socioambiental e cultural. Em 2013, iniciou o projeto na penitenciária feminina de Florianópolis; de 2014 a 2016 atuou no Presídio Regional de Tijucas; e em 2017 retornou para o presídio da capital com parcerias externas à universidade.



Com a mesma intenção de levar arte para dentro do sistema prisional, está o programa de extensão Pedagogia do Teatro e Processos de Criação coordenado pelo professor Vicente Concílio. Após defender a dissertação de mestrado *Teatro e Prisão: Dilemas da Liberdade Artística em Processos Teatrais com População Carcerária*, em 2006, na Universidade de São Paulo (USP), o docente buscou se aprofundar no assunto e após ingressar na Udesc a desenvolveu.

Os programas de extensão contam com a participação de estudantes de graduação e pós-graduação.

### **A arte e sua forma de lidar com a falta de liberdade**

O professor Vicente conta que a ideia de realizar arte em um espaço de contenção surgiu quando o programa de extensão Novos Horizontes (do Centro de Ciências Humanas e da Educação – Faed, da Udesc), agora coordenado pela professora Daniela Piçarro, iniciou suas atividades em penitenciárias da região de Florianópolis. O Novos Horizontes desenvolveu uma ação que consistia em levar a prova de vestibular da Udesc para penitenciárias e, assim, dar oportunidade de um futuro para quem enfrenta essa realidade.

O projeto “Teatro nas Prisões”, que Vicente realiza junto de outros bolsistas, propõe uma reflexão sobre uma nova forma de lidar com a realidade nas penitenciárias brasileiras. “O sistema prisional não é feito para devolver as pessoas para a sociedade. Pois

quem está ali dentro todos os dias vive uma rotina onde nada é feito livremente, tudo é monitorado, tudo é preciso de permissão, ou seja, não existe autonomia”. Vicente ainda comenta que é preciso quebrar a lógica do preconceito da sociedade e levar a arte dessas pessoas para o mundo. “Porque a gente faz arte para compartilhar”, complementa.

O Ecomoda da professora Neide atua dentro das penitenciárias levando oficinas e cursos de bordado, estamparia, costura e customização de roupas desde 2013. “O objetivo principal sempre foi criar uma forma de autonomia para elas”, conta a docente. A professora acredita que com conhecimento, as mulheres da penitenciária de Florianópolis poderão se reerguer sozinhas no futuro. “Muitas dessas mulheres vão enfrentar muito preconceito quando saírem. E infelizmente muitas vezes elas não conseguem novos empregos pelo seu histórico.”

Segundo ambos os professores, manter um curso por mais que seis meses ou uma turma fixa para aulas de teatro, sempre foi um desafio. Por questões administrativas e de segurança, a rotina do sistema prisional muda constantemente. “É necessário reconhecer a realidade do local e respeitar essas posturas no convívio da penitenciária. E para fazer funcionar, nós temos que trabalhar nisso juntos”, diz Vicente, que a partir do Departamento de Administração Prisional (DEAP) conseguiu entrar em contato com o presídio feminino e teve apoio para desenvolver suas atividades.



O professor Vicente Concilio e o mestrando em Teatro Yuri Lima Cabral em atividade com mulheres na penitenciária feminina de Florianópolis. Foto: Wagner Locks

### O ensino de arte nas penitenciárias

Após alguns anos trabalhando com a ideia de levar arte para as penitenciárias, Vicente Concilio encontrou pessoas ao redor do mundo que também compartilham a mesma visão. Em uma conferência na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) em 2013, o docente da Udesc conheceu Ashley Lucas, professora da Universidade de Michigan e coordenadora do *Prison Creative Arts Project* (Pcap), um projeto que desenvolve arte dentro de penitenciárias masculinas em Michigan, nos Estados Unidos.

Sobre o projeto desenvolvido nos Estados Unidos, Ashley conta que a ação de levar arte para dentro das prisões é uma maneira de mudar a visão de mundo das pessoas encarceradas e também de fortalecer o contato externo. “Temos o privilégio de fazer um

trabalho que não é sobre a prisão, mas estamos fazendo arte e trabalhando juntos para algo que é *sobre* nossa comunidade”, comenta Ashley Lucas.

Quando Ashley e Vicente se conheceram, a professora realizava uma visita no Brasil com seu grupo de estudantes para troca de experiências. Após o primeiro encontro, no Rio de Janeiro, entraram em um acordo que na próxima visita, Ashley e seus alunos iriam conhecer a Udesc.

Em 2016, o grupo dos Estados Unidos esteve pela primeira vez no Centro de Artes e, no ano seguinte, retornou para participar do *Seminário Internacional de Arte e Educação Prisional* realizado em Florianópolis pela Udesc. Em 2018, Ashley Lucas regressou com mais de 20 alunos da Universidade de Michigan para uma nova visita ao curso de Teatro da Udesc, e também, à penitenciária feminina de Florianópolis.

### Busca pela quebra do preconceito

As filas de famílias e mulheres que muitas vezes são vistas na entrada da penitenciária masculina de Florianópolis, não se repete na feminina. O professor Vicente acredita que as mulheres nas penitenciárias sofrem uma rejeição maior que os homens. “E quando elas estão presas, essas mulheres são ainda mais rejeitadas pela sociedade. Ter uma fila de visitantes na frente da penitenciária feminina é algo raro”, comenta.

Vicente acredita que com o tempo o tema da reeducação de pessoas no sistema prisional brasileiro possa ser mais discutido, não como uma alternativa, mas como uma solução. “Queremos fazer com que o tema se torne visível dentro do meio acadêmico, mas principalmente queremos trazer essa discussão para a sociedade em geral”, afirma o professor de Artes Cênicas.

Em concordância com o docente, a professora de Moda Neide Schulte ainda conta que o fato de existirem programas da universidade nas penitenciárias acaba

mobilizando estudantes a pensarem sobre o assunto e se engajarem. “Muitas vezes as pessoas até de fora da Udesc (de outra universidade) me perguntam como elas podem fazer para participar das oficinas do Ecomoda”, conta a coordenadora do projeto.

Até o momento, o professor Vicente Concilio espera a aprovação de seu projeto como uma ação educativa na penitenciária, ou seja, dessa maneira será possível reduzir a pena das reeducandas que participam das atividades. Por outro lado, as oficinas ministradas pelo Ecomoda já fazem parte do sistema de redução de pena. “Hoje em dia temos uma procura de mulheres que participaram de nossas oficinas na penitenciária, depois que elas saem”, afirma Neide.

As oficinas e aulas ministradas por Neide atualmente são desenvolvidas por estudantes voluntários do curso de Moda que a procuram para realizar este trabalho. Neide comenta que “o envolvimento do aluno e da universidade em torno do tema sempre foi de grande importância para a continuidade e a eficácia do projeto”. ■

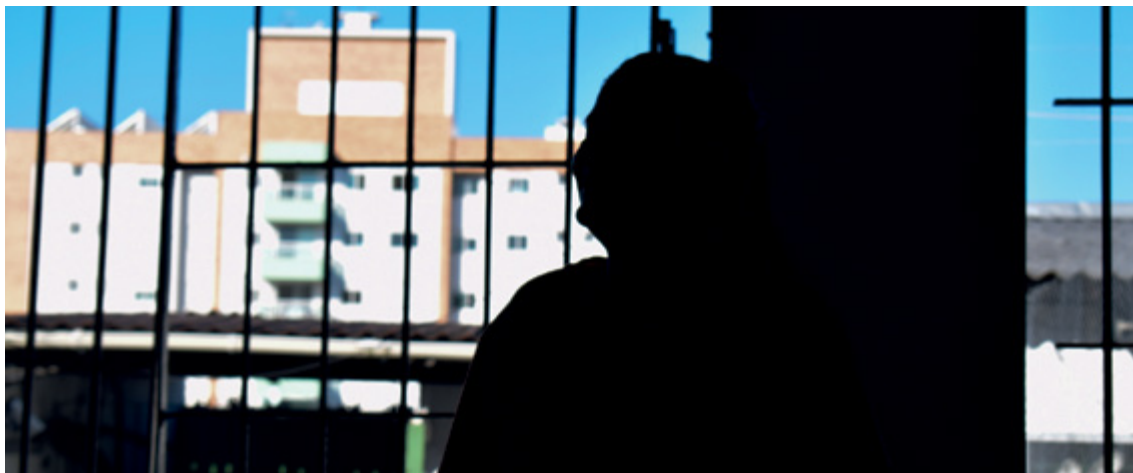


Foto: Wagner Locks



Em reunião, Ana Paula Machado, presidente da Inventório no segundo semestre de 2018, olha atentamente para a apresentação das diretorias  
Foto: Rafael Prudencio Moreira

## 10 Anos da Empresa Júnior Inventório

Estudantes que se empoderaram do conhecimento das salas de aula oferecem à comunidade consultoria de projetos nas áreas de Moda e Design

Por Rafael Prudencio Moreira, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Abro uma porta e entro no que parece ser uma sala de aula. Há bastante gente, contudo o barulho da porta não foi o suficiente para distraí-los. Olhares atentos retornam para quem fala de pé em frente à classe, não para um professor, mas para uma estudante da 4ª fase de Moda, Nicole Brod Prados, vice-presidente da Inventório. Ali está encerrando mais um processo seletivo da Empresa Júnior de Design e Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), que carrega o título de “maior EJ de Design do Brasil”. Uma iniciativa estudantil, que há 10 anos tem como visão aproximar os seus membros da comunidade através de experiências e práticas nos moldes de uma empresa.

O movimento Empresa Júnior é internacional e nasceu na França na década de 60. Alunos da Escola Superior de Ciências Econômicas e Comerciais (Essec) de Paris fundaram a primeira Empresa Júnior. O Movimento Empresa Júnior (MEJ) chegou ao Brasil através da Câmara de Comércio França-Brasil em 1987, e criou na Fundação Getúlio Vargas a Júnior GV. Em 2003 nasceu a Brasil Júnior, que uniu todas as empresas júniores em uma federação.



A ideia de montar a EJ no Centro de Artes surgiu com a estudante de Moda Leticia Cunico, que se interessou pelo tema em sala de aula e procurou saber mais. Montou uma equipe para agilizar documentos, encontrar um espaço e desenvolver o plano de negócio. Para este último, contou com o apoio da Esag Júnior (empresa júnior de consultoria em administração da Udesc) e da Federação Catarinense de Empresas Juniores (Fejesc), junto de professores dos cursos de Moda e Design, além da direção do centro e da reitoria. “Sempre fui favorável à EJ. E não só empresa júnior, mas sou favorável que existam incubadoras, parcerias com empresas, aceleradoras na universidade. Acho que tem que desenvolver o espírito de negócio empreendedor. Em menos de um ano estava instalada a EJ”, diz Antônio Carlos



Nas paredes, os desenhos, fotos e frases parecem conversar com os diálogos, olhares e as risadas. Foto: Rafael Moreira

Vargas Sant’Anna, atual pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Udesc e na época, 2008, diretor-geral do Centro de Artes (Ceart).

O primeiro lugar onde foi localizada a sede da Inventório era colado à reitoria, onde hoje é a recepção da Coordenadoria de Vestibulares e Concursos (Covest). Mais próximo ao Centro de Ciências da Administração e Socioeconômicas (Esag) do que ao Centro de Artes, entretanto foi por pouco tempo. Após dois meses ali, o grupo mudou-se para uma casa de tijolo à vista próximo ao rio, que divide a universidade da avenida Madre Benvenuta. Anteriormente naquele lugar ficava a biblioteca setorial da Udesc Ceart, mas com a criação da biblioteca central uma das salas foi disponibilizada para o projeto. O lugar é até hoje chamado de segunda casa pelos seus integrantes. O interior diferente se aproxima na estética mais de um Centro Acadêmico do que de uma empresa. Mensagens e desenhos pintados em tinta colorida nos tijolos pretos dão um ar aconchegante ao local.

Apesar de estar dentro do modelo de produção empresarial, a Inventório é principalmente um espaço de aprendizado. Todo o dinheiro arrecadado com os projetos é convertido em gastos básicos para manter a empresa e em formação para os seus membros. Ninguém recebe remuneração financeira por seu período na Empresa Júnior. A iniciativa ajuda estudantes a conhecerem um pouco melhor as diversas áreas do seu curso na prática, diretamente no mercado de trabalho. “Eu vou para aula de manhã e fico na Inventório até de noite”, diz Heloisa Corrêa Nunes, da 6ª fase de Design Industrial e diretora de projetos. Nicole Prados, da 6ª fase de Moda e vice-presidente, fica “geralmente entre 6 e 8 horas por dia” na EJ, e conta que ainda não se decidiu sobre o que irá fazer após se formar, mas gostaria muito de ter o seu próprio negócio.



No segundo semestre deste ano todos os cargos efetivos da Inventório foram ocupados por mulheres, empossadas em cerimônia na Udesc Ceart em agosto de 2018

Fotos: Rafael Prudencio Moreira

A Inventório é identificada por muitos membros como a sua segunda casa. É lá que eles ficam a maior parte do tempo que passam na Udesc, seja projetando ou se organizando para cumprir metas e trabalhos. Ana Paula Machado, atual presidente da EJ complementa: “A Inventório é muito mais que uma empresa que faz projetos e tem uma passagem de pessoas. A gente é muito mais que isso. Para mim, é uma propulsora de pessoas para o mercado. Além do que a gente se transforma muito aqui dentro”.

A Semana Inventório é o principal evento que procura retornar para a Udesc o apoio recebido pela universidade. Palestras e *workshops* são organizados normalmente em outubro trazendo profissionais do mercado de trabalho. O evento trouxe a escola Perestoiika e a blogueira Carla Lemos, do blog Modices, em 2017. Neste ambiente de preparo dos jovens para a visão empresarial, o aprendizado se confunde com a obrigação da lida de uma empresa formal. A equipe é composta por *trainees*, que estão em processo de treinamento, e membros efetivos que exercem funções tais como: presidente, vice-presidente, gestor de pessoas, diretor de marketing e diretor de projetos. As palavras só mudam de gênero – no segundo semestre de 2018 dos onze membros efetivos na EJ, onze são mulheres.

A estudante de Moda Vitória Carmo, e diretora de marketing, conta que isso faz do espaço um local onde elas se sentem mais seguras para falar o que precisam, e percebe-o, assim, como uma forma de empoderamento. A Inventório é também um local para conhecerem outras mulheres que estão no mercado de trabalho. “Somos novas, mas temos muita força. Espelhamo-nos uma nas outras. A gente vê que ela [colega da EJ] pode e a gente também quer correr atrás”, comenta Vitória.

Os clientes da Inventório são pessoas físicas e jurídicas, que procuram os conhecimentos técnicos para a concretização do seu negócio, principalmente de micro e pequenas empresas. Uma exceção é a proposta de reformulação dos uniformes da Polícia Militar de Santa Catarina em 2018. Seja melhorando o posicionamento de marcas, criando *outdoors*, cartões-de-visita, identidades visuais... “o nosso propósito é realmente desenvolver pessoas através de sonhos”, conclui Ana Paula.

## O cotidiano

A primeira a chegar à Inventório destranca a porta, acende a luz, liga o ar condicionado, dá uma organizada no espaço caso esteja muito bagunçado, tira o computador da mochila e começa a trabalhar. A energia para encarar um novo projeto, algumas vezes até tarde da noite, sem receber um “tostão” vem “quando o entregamos e vemos a satisfação no rosto do cliente. E também quando percebemos o nosso desenvolvimento e amadurecimento depois de pouco tempo na Inventório”, diz Nicole Prados, da 6ª fase de Moda, vice-presidente e diretora financeira da Empresa Júnior. Ela acredita que sem o contato com as pessoas não existiria a EJ.

Às 9h tem uma mesa cheia de computadores e estudantes, cada um com o seu, fazendo projetos. Gira e mexe para mostrar o trabalho ao colega do lado, seja virando a tela ou dando uma espichada no pescoço. Na internet são feitas planilhas, apresentações, documentos. Lá são organizadas metas e cronogramas de trabalho. Nas paredes, fotos. Em um quadro está escrito “estamos a um dia sem fechar projetos”, e o sorriso no rosto acompanha os olhos concentrados e vidrados nas telas dos notebooks.

Luiz Gabriel, microempreendedor, tem uma estamparia de camisetas em Florianópolis e foi aquela manhã na Inventório. O motivo principal da escolha é por terem uma sede física e usarem o “olho no olho”, o que para ele é indispensável. Neste momento quer modernizar o seu negócio, transformar a loja física em uma loja virtual. Apesar do resultado daquela manhã não ter resolvido todas as questões que ele procurava, diz que o mais importante é este “estudar junto, que as meninas da Inventório chamam de cocriar”.

Sem muito movimento na rua às 10h da manhã, consegue-se ouvir uma corneta e um balão estourar seguidos de gritos de comemoração. É a equipe da Inventório comemorando mais uma reunião com um cliente. Na verdade, o real motivo da alegria é que o calouro de Design e trainee Flávio Mir tinha conquistado uma meta. Dois minutos depois nos fones de ouvido de Vitória, diretora de marketing, soou baixinho o vídeo gravado para o grupo do Whatsapp. Ela sorria enquanto se ouvia gritar “ae, Flávio! Marcou uma reunião!”. A equipe de trainees que entrou com ele no processo de treinamento da Inventório simboliza a continuidade deste projeto. Para, quem sabe, mais 10 anos. ■

## Saiba mais

🌐 [inventorio.org.br](http://inventorio.org.br)

📘 [fb.com/inventorio](https://fb.com/inventorio)

📷 [@inventoriejdm](https://www.instagram.com/inventoriejdm)

✉ [comercial@inventorio.org.br](mailto:comercial@inventorio.org.br)

📍 Av. Me. Benvenuta, 1907 - Itacorubi, Florianópolis/SC



Foto: Soninha Vill

## Udesc tem mais dois cursos de doutorado

Doutorados em Design e Música foram divulgados em setembro pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

Por Monique Vandresen

A Capes divulgou no início de setembro os resultados da avaliação de propostas de cursos novos nas modalidades acadêmica e profissional. Na Udesc foram aprovados dois novos doutorados, nas áreas de Música e Design. Os dois cursos pertencem ao Centro de Artes (Ceart) da universidade catarinense. O número de vagas para os novos cursos deve ser definido pelos colegiados até o final do ano, e os processos seletivos acontecem no primeiro semestre de 2019.

O pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, professor Antônio Vargas, festeja a conquista: “como qualquer professor que se encontre – como eu – desempenhando as atividades de pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Udesc, a aprovação da Capes para abertura de um curso de doutorado é motivo de comemoração. Mas, a abertura dos cursos de doutorado nos programas de Música e Design do Ceart para mim, é muito especial, mas sobretudo é motivo de orgulho e alegria redobrada”. O professor Vargas foi o primeiro doutor do Ceart e conta que pode ver nascer a todos os seus programas de pós-graduação, dos quais Música e Design agora completam o quadro dos programas acadêmicos com doutorado.





Foto: Eduardo Beltrame

Enquanto um país como o Reino Unido possui um índice de 41 doutores para cada 100 mil habitantes, o Brasil tem 7,6 profissionais titulados para a mesma proporção de pessoas. Os números são da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). “O percurso a ser percorrido ainda é longo, não é fácil fazer pesquisas acadêmicas no Brasil. A expansão da pós-graduação no Ceart com a chegada destes dois doutorados mostra a relevância das duas áreas para o desenvolvimento social e tecnológico”, avalia a professora Maria Cristina Fonseca, Diretora Geral do Ceart.

Estes dois doutorados vêm somar aos 13 cursos já existentes na Udesc. No ano passado, os 198 docentes credenciados e 341 doutorandos matriculados nestes cursos foram responsáveis por 2.708 publicações. A Udesc oferece ainda 24 cursos de Mestrado e 10 Mestrados Profissionais.

Para que a proposta de um novo curso seja aprovada, é necessário que ela tenha um padrão de qualidade equivalente ou superior ao mínimo exigido no documento que orienta a Avaliação de Proposta de Cursos Novos (APCN) de cada área. “O curso de Doutorado consolida ainda mais a Udesc como referência na área do ensino e pesquisa em Design no Brasil e aponta a internacionalização como uma das principais ações a serem incrementadas de agora em diante”, festeja o coordenador do Programa de Pós-Graduação em Design, professor Flávio Anthero.

A Comissão avaliadora do Doutorado em Música destacou no relatório que a proposta do curso na Udesc apresenta verticalidade e coerência entre seus

objetivos, atendendo as exigências para a implantação com qualidade de um curso de doutorado na Área de Artes – Música. “Importante destacar que os docentes do PPGMUS também participam de Grupos de Pesquisa que vêm se consolidando na área de música. Nesses grupos são desenvolvidas ações de orientação, projetos de pesquisa e extensão, além de eventos que congregam profissionais e estudantes da área de educação musical”, explica a coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Música, professora Viviane Beineke.

“Esta conquista alimenta um círculo virtuoso de produção científica de qualidade, aumento de projetos de pesquisa e recursos de fomento, e crescimento institucional. Os novos Doutorados refletem a qualidade dos respectivos Mestrados e demonstram o peso das pós-graduações na instituição”, avalia a Diretora Geral do Ceart. Além disso, afirma, a Pós-Graduação contribui para o posicionamento da Udesc nos rankings nacionais e internacionais. ■

Monique Vandresen é jornalista, professora do Centro de Artes da Udesc e atual diretora de Pesquisa e Pós-Graduação da Udesc Ceart.





revista de distribuição gratuita



**UDESC**  
UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DE  
SANTA CATARINA

**CEART**  
CENTRO DE ARTES • UDESC